

JONAS LEMUEL KEMPA

BRASNORTE, 1979 – 1982: UM OUTRO OLHAR E UMA HISTÓRIA  
POSSÍVEL

TANGARÁ DA SERRA – MT  
2007

JONAS LEMUEL KEMPA

BRASNORTE, 1979 – 1982: UM OUTRO OLHAR E UMA HISTÓRIA  
POSSÍVEL

Monografia apresentada como parte dos requisitos para conclusão da graduação, no curso de Licenciatura Plena em História, pelo Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Orientador: Prof. Ms. Carlos Edinei de Oliveira

TANGARÁ DA SERRA – MT  
2007

*De resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das “neves eternas”, o historiador faz outra coisa: faz deles a história. Artificializa a natureza. Participa do trabalho que transforma a natureza em ambiente e, assim modifica a natureza do homem.*

Michel de Certeau

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho em especial a minha mãe, Maria Tereza Dolzan Kempa (In Memoriam), que com sabedoria mostrou-me o caminho do conhecimento como chave para a liberdade.

A pequena Maísa Teresa, que com seus olhos castanhos e sorriso alegre, veio completar os meus dias.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de quatro anos de dedicação ao sonho de ter um curso de graduação. Um período cheio de abdições e obstáculos, mas, também repleto de incentivo e afeto por parte daqueles que estiveram próximos a mim. Não foram poucas as vezes que as dificuldades impostas pela vida me fizeram desanimar, e todas às vezes recebi palavras de encorajamento por parte de familiares e amigos valiosos, sempre presentes nas horas difíceis e nas alegrias proporcionadas pelo curso.

Agradeço a Deus, pela sabedoria proporcionada durante os quatro anos do Curso Licenciatura em História;

A Mara Andressa, esposa e companheira de todas as horas, que durante o período de estudos, suportou com amor a saudade pela distância que nos separava, incentivando nos momentos difíceis e alegrando-se comigo a cada etapa vencida;

A Silvio, meu pai, pela sua entrevista e caixas, e principalmente pela mão estendida num momento difícil;

A Jane e ao Mário, cunhados, pelo apoio e hospitalidade nos primeiros anos do curso;

A Cerilo e Isolde, pais de minha esposa, que da mesma forma deram-me abrigo e tiveram paciência e sabedoria no apoio que me proporcionaram;

Ao Sr. Haias Caíres de Lima e Sr. Gentil Borges do Amaral, pelas entrevistas e informações concedidas;

A Ruth, pelas caronas do Campi da UNEMAT até a cidade, pelo companheirismo e amizade cativada;

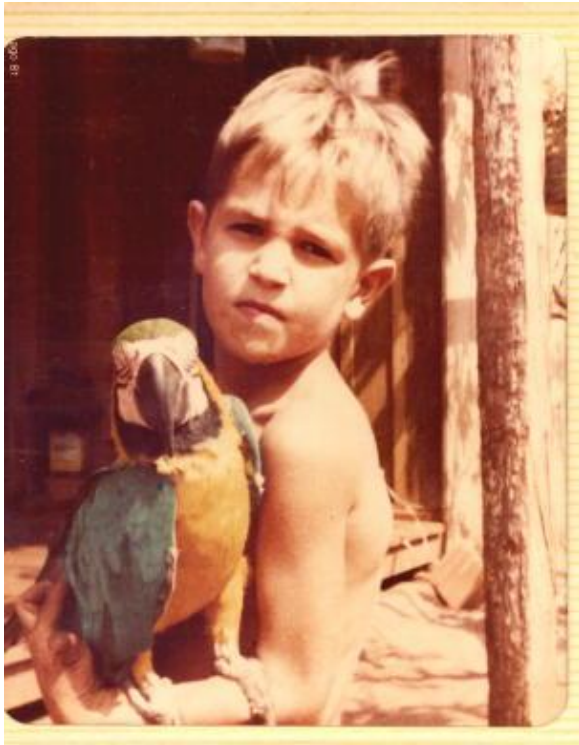
Ao Professor Carlos Edinei, confiante em minha capacidade me desafiou na busca do conhecimento, orientando e instruindo sempre que necessário.

Aos Professores do Departamento de História por compartilhar o conhecimento adquirido em seus estudos, proporcionando a mim uma outra perspectiva da história;

Aos Colegas de curso que permitiram debates, discussões, e enriqueceram o meu aprendizado durante quatro anos.

## RESUMO

Este trabalho historiográfico visa compreender aspectos da colonização de Brasnorte, Município do Noroeste de Mato Grosso. A partir de um arquivo familiar, apresenta o Projeto do Vale do Rio do Sangue e como se deu a construção de um espaço dentro da floresta, a partir da propaganda feita pela Empresa responsável pela venda das terras. No final dos anos 70 do século XX, deu-se início a colonização da região do Vale do Rio Sangue, através da BRASNORT – Administração de Imóveis e Colonização Ltda, a empresa, havia adquirido terras do Grupo Roderjan, e nestas terras, desenvolveu um projeto de colonização particular, do qual fazia propaganda na região Sul e Sudeste do Brasil, visando o interesse de lucrar com a venda de terras e (re)povoar uma parte da Amazônia, vendendo o sonho do eldorado. Fotografias, reportagens, folder, até música tinham feito como forma de apresentar a Gleba Vale do Rio do Sangue. No ano de 1979, muitas famílias deslocaram-se da região sul e sudeste do país, em busca do sonho do eldorado amazônico que no intuito de ter uma vida nova procuraram a Colonizadora, em busca de terras no projeto que estava localizado entre os rios Rio do Sangue e Rio Juruena. Foi neste sertão, que Silvio Kempa, buscou uma nova vida, veio em busca de uma vida de oportunidades diferentes, e de certa forma, reconstruiu uma vida inteira tendo o cuidado de acumular fontes documentais. Um arquivo pessoal que remete a uma memória coletiva, pronta para se opor a história, provocando questionamentos e fazendo surgir novas possibilidades. A partir de fontes escritas, entrevista e imagens, do arquivo pessoal de Silvio Kempa, o presente trabalho, busca um outro olhar para a história de Brasnorte. O trabalho é dividido em duas partes, a primeira, o Projeto Visto de Cima, ajuda a compreender os objetivos da propaganda na venda das terras. E o segundo, o Projeto Visto de Baixo, nos dá a noção da contradição existente entre a propaganda e a realidade presente na documentação.



## LISTA DE FIGURAS

Figura nº 01 - Brasnorte em Mato Grosso .....	11
Figura nº 02 - Esquema da planta da cidade .....	37
Figura nº 03 - Tabuinhas para Telhado – 1979 .....	39
Figura nº 04 - Mostrando o resultado da pescaria .....	42
Figura nº 05 - Depois de uma caçada .....	42
Figura nº 06 - Recado para a família .....	47



# SUMÁRIO

## LISTA DE FIGURAS

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>1.0 – O PROJETO VISTO DE CIMA</b> .....	18
1.1 – Cascavel-PR, 1979 .....	18
1.2 – O Caminho .....	19
1.3 – Entendendo a Ocupação .....	21
1.4 – A Propaganda do Vale do Rio do Sangue .....	24
1.4.1 – A Pombinha Brasnorte .....	24
1.4.2 – Uma Reportagem – “Inigualável Fulcro Agrícola” .....	27
1.4.3 – Um Folder – “Grande Futuro” .....	30
1.4.4 – A Localização do Projeto Vale do Rio do Sangue .....	32
<b>2.0 – O PROJETO VISTO DE BAIXO</b> .....	36
2.1 – Conhecendo o Projeto.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b> .....	56
<b>ANEXOS</b> .....	61

## INTRODUÇÃO

**Brasnorte – junho de 2007**

Pensei em várias formas de se iniciar esta monografia, ao invés de ser científico, técnico, preferi ser subjetivo e iniciar relatando minha experiência, falar de como fui parar na faculdade, as primeiras impressões que tive para depois, falar daquilo que me foi possibilitado aprender.

Desde muito pequeno, via na casa de meus pais, caixas com cartas, fotografias, relatórios, cópias de documentos oficiais, recortes de jornais, dentre outros documentos. Há cada mexida para arrumar, ouvia: *Deixe aí, Um dia alguém usa isso!* E as caixas foram ficando, ficando, eram mudadas de um lugar para outro e nunca aparecia a oportunidade de utilizá-las.

Essa história começou a mudar quando no ano de 2003, tive oportunidade de prestar concurso vestibular para o Curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, era realmente algo tentador, poder fazer um vestibular e sendo aprovado, ter condições de conciliar trabalho, estudos e família, por ser um curso modular.

A oferta foi proporcionada a partir de um convênio das Prefeituras de Brasnorte e Tangará da Serra com a UNEMAT, as vagas eram poucas, mas em contrapartida, teríamos como concorrentes somente pessoas da comunidade. A vontade de prestar o concurso não foi grande, confesso que me sentia um tanto passado da idade para enfrentar mais um concurso vestibular, mesmo assim, fiz a inscrição e fiz planos para na mesma data do vestibular, tratar de outros assuntos, particulares. Fiz a prova sem compromisso, deixando a decisão nas mãos de Deus. Fui abençoado! Tive a felicidade de poder fazer parte da pequena parcela da população brasileira que tem acesso ao estudo de nível superior. E desde aquele momento, minha vida tomou outro rumo, e aquelas caixas também.

O curso começou no mês de agosto de 2003, lá estava eu, cabeça raspada, animado com o início das aulas e ansioso pelo que viria. Logo na primeira aula, eu e todos os presentes em sala, fomos questionados a respeito do que é história, nada do que dizíamos, condizia com o que pensava o professor de Introdução aos Estudos Históricos. Era o princípio das dores e também dos prazeres que a história proporciona. A busca pelo saber passou a ter outro sabor,

as idéias e os conceitos que tinha antes do curso foram transformados. O universo de possibilidades posto diante de mim ampliou-se inúmeras vezes. Cada texto lido deixou a sua marca, sua intenção.

Até metade do curso, eu carregava comigo o desejo de, no momento em que eu fosse fazer o meu Trabalho de Conclusão de Curso, a tão sonhada monografia, trabalhar como temática central a teoria da história. Mas as caixas ainda estavam lá, e eu não sabia o motivo.

No ano de 2005, tivemos um tópico especial com o Professor Carlos Edinei, e tive a oportunidade de conhecer o seu trabalho<sup>1</sup>, voltado para a compreensão da cidade de Tangará da Serra, temática que chamamos na faculdade de colonização. Durante os dias de curso, o professor manifestou o interesse em ser meu orientador caso eu trabalhasse a temática colonização. Não aceitei de pronto, ainda havia o interesse na teoria da história, então refleti bem nas minhas possibilidades, em meio à reflexão, me lembrei das caixas guardadas na casa de meu pai. E concluí que o melhor caminho nesse momento, seria mudar a temática e aceitar o desafio do Professor Edinei.

Logo após retornar daquela etapa, fui à busca das caixas, queria ver o que elas tinham a oferecer. Iniciei olhando as cartas escritas no ano de 1979, fiquei muito grato a Silvio e Maria Tereza, meus pais, por terem guardado suas memórias por este tempo todo. Foi o começo daquilo que considero o meu maior desafio, superar o sentimento, a ligação com a fonte. Eu tinha de antemão, ciência de que a documentação guardada nas caixas tem muito a ver com minha própria vida. Optei por escarafunchar as memórias de meu berço.

Os sentimentos do primeiro contato com as cartas, foi um misto de alegria e saudade. Minha mãe foi levada ao oriente eterno no ano de 2002, numa hora inesperada por todos e de uma forma trágica. O ler e reler cada página, de cada uma das cartas, foi um exercício além da historiografia, e eu tenho a dimensão do quanto ela gostaria de ler este trabalho. No entanto, cabe ao historiador, sair de seu próprio centro na busca das possibilidades que o documento apresenta. E afastar-se de minha própria vida, para compreender o que se passou a minha volta num tempo não muito distante, foi uma tarefa angustiante. Sempre tive medo de não dar conta de escrever algo ao qual estava intimamente ligado, mas, a história me ensinou que poderia ser diferente.

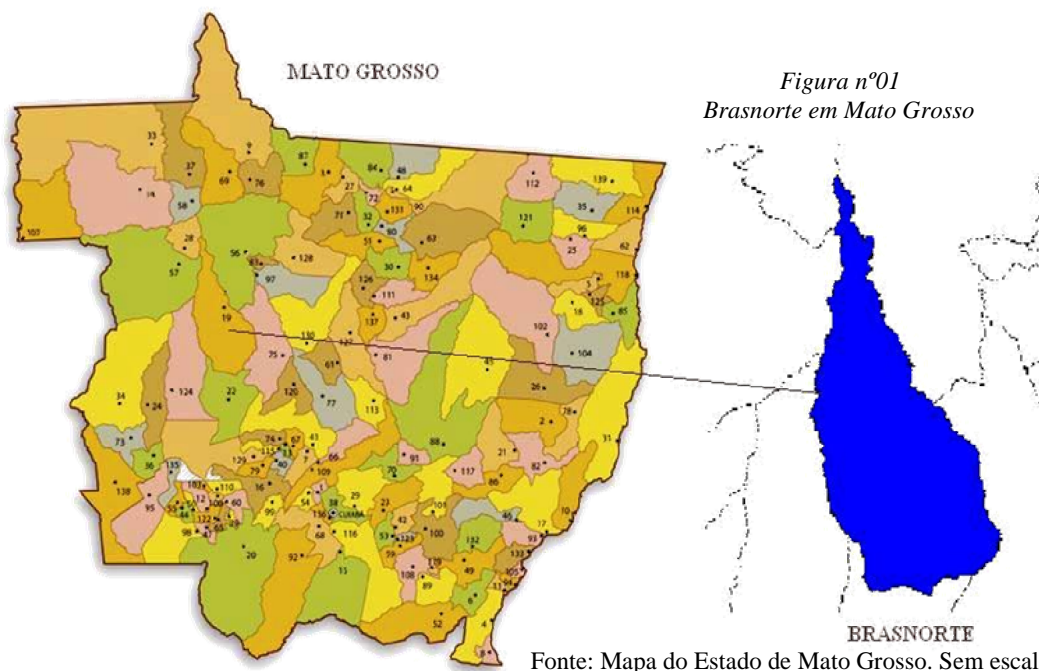
Após fazer uma leitura superficial de toda a documentação contida nas caixas, separei as cartas, documentos oficiais, fotografias, manuscritos e anotações, relacionados com Brasnorte nos anos que compreendem do ano de 1979 a 1982. A idéia era fazer uma história

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Carlos Edinei de. *Famílias e natureza: as relações entre famílias e ambiente de colonização de Tangará da Serra – MT. Tangará da Serra: Sanches. 2004.*

da colonização de Brasnorte, mas como? Por quais caminhos seguir? Decidi então seguir uma perspectiva familiar e desenvolver um trabalho, contando uma das várias histórias possíveis.

Brasnorte é um município do Estado de Mato Grosso, integrante da mesorregião Norte e integrante da microregião Aripuanã. A distância da Capital do Estado é de 580 km, tem hoje uma área geográfica de 15.959,33 km<sup>2</sup>. Na divisão política, faz parte do norte mato-grossense<sup>2</sup>



Fonte: Mapa do Estado de Mato Grosso. Sem escala

e tem uma população estimada, segundo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 12.464<sup>3</sup> habitantes. A vegetação existente em seu território, tem características que vão desde Região de Savana (cerrado) a Região de Floresta Ombrófila<sup>4</sup> (Floresta Amazônica)<sup>5</sup>. O município faz parte da Bacia amazônica tendo a sua esquerda o Rio Juruena e a direita o Rio do Sangue, este afluente do primeiro.

Desmembrada do Município de Diamantino no ano de 1986<sup>6</sup>, teve sua independência político-administrativa somente em 1989. Seus limites territoriais são com os municípios de

<sup>2</sup> MATO GROSSO. SEPLAN. *Anuário Estatístico de Mato Grosso - 2003*. Vol. 25. /Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral.-- Cuiabá : SEPLAN-MT: Central de Texto, 2004

<sup>3</sup> IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. acessado em 12 de junho de 2007. A população é estimada com base no censo do ano 2000.

<sup>4</sup> O cerrado é descrito por uma vegetação adaptada para evitar a perda de água nos períodos secos, a vegetação tem um aspecto tosco, tortuoso, árvores com poucas folhas distantes um da outra. A floresta, é descrita como uma vegetação capaz de suportar áreas encharca das, tem árvores altas e retas, folhosas e suas plantas são mais próximas, chegando suas copas a tocarem-se.

<sup>5</sup> FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*. Secretaria de Estado de Educação. Ed. BURITI, Cuiabá – MT, 2001;

<sup>6</sup> MATO GROSSO, Assembléia Legislativa do Estado de . Lei nº 5.047 de 04 de setembro de 1986. Publicada no Diário Oficial no dia 05 setembro de 1986. Dispõe sobre a criação do Município de Brasnorte e define seus limites geográficos.

Juína, Castanheira, Juara, Nova Maringá, Campo Novo do Parecis e Sapezal, todos pertencentes a mesorregião Norte.

O recorte temporal foi definido no desenvolvimento da pesquisa. Os anos de 1979 a 1982, foram os anos iniciais da ocupação colonizadora, de um território já conhecido por seringueiros e fazendeiros com grandes projetos agropecuários. A ideia inicial, era estender o recorte até a emancipação político administrativa, no ano de 1986.

Durante a análise documental, percebi um aspecto diferente na construção do espaço. Brasnorte era um lugar isolado, distante dos centros políticos e em determinado momento a população se reúne em prol de interesses coletivos. Prática abandonada a partir do ano de 1982, principalmente após as eleições ocorridas naquele ano. Desta forma, o recorte temporal foi delimitado procurando entender como foi construído este espaço num momento onde as disputas eram de interesse coletivo. A outra busca de entendimento, é compreender o que motivava as pessoas a saírem do lugar onde moravam para enfrentar o sertão.

No ambiente reterritorializado<sup>7</sup> da Serra dos Parecis, surgiu no final dos anos 70 do século XX, um projeto de colonização elaborado pela Colonizadora Brasnort<sup>8</sup>, com sede no município de Cascavel, PR. Este mesmo ambiente, hoje constituído de fazendas voltadas para a exploração agropecuária, foi antes um ambiente de exploração extrativista, principalmente da borracha, extraída da seringueira (*Hevea brasiliensis*).

A busca pelo produto natural proporcionou não somente riqueza, mas também, destruição, genocídio e deslocamento por parte dos povos que viviam na região que se estende desde o salto Utiarity<sup>9</sup> até a confluência do Rio Juruena com o Rio do Sangue.

O processo de modernização e industrialização da sociedade como um todo, levou o homem a buscar novas fronteiras. Robert Wegner<sup>10</sup>, referindo-se a Frederick Jackson Turner alerta quanto a definição de fronteira, onde para ele, existem dois conceitos.

Primeiro o conceito europeu, onde fronteira é uma linha geográfica que serve para delimitar a divisão de território, normalmente instituído por um poder estatal ou militar. O segundo, é o conceito de fronteira o qual estarei utilizando na construção da trama que envolve os aspectos históricos do município de Brasnorte, MT. Fronteira neste momento

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Carlos Edinei de. op. cit.. utiliza este termo para evidenciar que as regiões de ocupação com os projetos de colonização não eram espaços vazios, mas, regiões habitadas por povos indígenas.

<sup>8</sup> Ver informações no próximo capítulo.

<sup>9</sup> Cachoeira situada no Rio Sacre, dentro da reserva indígena Parecis.

<sup>10</sup> WEGNER, Robert. *A conquista do oeste*. A Fronteira na obra de Sergio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 98

transforma-se no ponto onde o primitivo e o civilizado<sup>11</sup> se encontram, onde o estranhamento acontece.

Por outro lado, não concordo com Turner quando ele usa o sentido de fronteira equiparando *linha (mesmo que imaginária) entre a terra povoada e a terra livre*<sup>12</sup>, porque a terra não estava livre, ali havia outros povos onde, tanto no Brasil como no restante da América foram definidos como índios e, conseqüentemente diminuídos como seres humanos.

Para Teixeira (2005), “*a própria noção de fronteira traz consigo a idéia de que as lógicas culturais são caracterizadas por mudanças contínuas e ausência de homogeneidade*<sup>13</sup>”, ou seja, não podemos dizer que os povos indígenas que viviam nesta região eram culturalmente inferiores ao homem europeu. Devemos considerar que estes povos, carregam consigo por várias gerações, os aspectos de uma cultura particular onde, as peculiaridades se distinguem dos aspectos culturais do europeu.

Desta forma, surge uma fronteira cultural, com aspecto atético, e uma fronteira natural, a floresta, um elemento que é ao mesmo tempo elemento dificultoso para o avanço do não indígena, como também guarda os mistérios e as riquezas desejadas pelo não índio. Adentrar o “sertão<sup>14</sup>” era ao mesmo tempo uma necessidade econômica, creio que uma aventura. O seu interior era muitas vezes desconhecido, em cada passo que se avançava sertão adentro era um risco ou, uma surpresa encantadora.

Foi neste sertão, que Silvio Kempa, buscou uma nova vida, veio em busca de *uma vida melhor*<sup>15</sup>, uma vida de oportunidades diferentes, e ao lado de sua esposa, Maria Tereza, reconstruiu uma vida inteira. Conheceram pessoas diferentes, de diversos locais, aprenderam que a vida no Mato Grosso era diferente, que havia tudo por fazer. Derrubar a floresta, plantar, colher, preocupar-se aonde os filhos iriam estudar, preocupar-se com política,

<sup>11</sup> Primitivo conforme o conceito obsoleto de “*como representantes de um estado social e mental supostamente mais próximo da condição original, natural, da humanidade, ou dela sobreviventes*”. E Civilizado, advindo de civilização, aquele que passou por um processo mais elaborado na formação de seus elementos culturais, este conceito sugerindo superioridade manterei porque é como o branco se julgou, superior ao índio.

<sup>12</sup> WEGNER, op. cit. p.98

<sup>13</sup> TEIXEIRA, Felipe Charbel. Narrativa e fronteira cultural. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Rio de Janeiro, Abril/ Maio/ Junho de 2005 Vol. 2 Ano II nº 2

<sup>14</sup> Segundo AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.8, n. 15, p. 145-151; . “Região, sertão, nação” foi uma categoria construída primeiramente pelos colonizadores portugueses, ao longo do processo de colonização. Uma categoria carregada de sentidos negativos, que absorveu o significado original, conhecido dos lusitanos desde antes de sua chegada ao Brasil — espaços vastos, desconhecidos, longínquos e pouco habitados —, acrescentando-lhe outros, semelhantes aos primeiros e derivados destes, porém específicos, adequados a uma situação histórica particular e única: a da conquista e consolidação da colônia brasileira. Já para ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. p.164-166. A palavra sertão, é uma representação construída que remete a idéia de um lugar selvagem, despovoado, distante. Não tem uma limitação geográfica precisa, mesmo que em alguns lugares ganhe o sentido de algum lugar

<sup>15</sup> KEMPA, Silvio, Entrevista para o autor em 27 jan. 2007 .

assuntos administrativos relativos à sociedade, e em meio a tudo isso, preocuparam -se em acumular fontes documentais. Na expectativa de que um dia, servisse para algo. Tornaram-se colecionadores, atores de uma *história por fazer*<sup>16</sup>.

A documentação trabalhada inclui, cartas, jornais, algumas fotografias, folder, cópias de atas da Associação de Pais e Mestres, cópia de atas da Comissão Representativa do Povo de Brasnorte, relatórios da colonizadora, fontes oficiais, anotações particulares. A partir destas fontes, foi elaborada a reflexão sobre cada fonte, utilizando a fundamentação teórica como forma de compor a teia da história.

Em meio a cartas, bilhetes, anotações, fotografias, refleti sobre a importância destas fontes. Não somente como documentos, mas como produtoras de memórias. Um arquivo pessoal que remete a uma memória coletiva, pronta para se opor a história, provocando questionamentos e fazendo surgir novas possibilidades.

Alberti, reconhece as fontes *como pistas para se conhecer o passado*, sua existência, independe das fontes de hoje, no entanto, só pode ser interpretado a partir delas<sup>17</sup>. Jenkins, concorda afirmando que construímos uma trama *a partir das fontes*<sup>18</sup>. Em outro texto, Del Priore afirma que a história só é possível a partir da análise das fontes, dos indícios que ela traz consigo<sup>19</sup>.

Porque alguém guardaria papéis por tanto tempo? Qual a intenção em ter caixas com documentos guardados, cartas, fotos? Podemos aceitar aqui a idéia de Philippe Arières, em *Arquivar a própria vida*<sup>20</sup>:

Mas essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano<sup>20</sup>.

O objetivo de guardar documentos seria o de existir num momento futuro? Creio não ser possível essa existência, passado e presente são momentos distintos e distantes um do

<sup>16</sup> CERTAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 82. Trata da idéia de colecionador afirmando: “*Colecionar, durante muito tempo, é fabricar objetos: copiar ou imprimir, reunir, classificar...*”, por terem como prática a guarda de documentos, Silvio e Maria Tereza enquadraram-se neste universo de atores da história por fazer.

<sup>17</sup> ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.78

<sup>18</sup> JENKINS, Keith. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2001. p10

<sup>19</sup> PRIORE, Mary Del. Fazer História, interrogar documentos e fundar a memória: a importância dos arquivos no cotidiano do historiador. In, UFMT. Universidade Federal do Mato Grosso. *Territórios e Fronteiras – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Mato Grosso*, vol, 3 n.1 jan -jun/2002 – Cuiabá-MT: Ed. UFMT. p. 9-20

<sup>20</sup> ARIÉS, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, p.9-34..

outro. História não é passado, ela apenas trata do passado, interpretando -o e dando-lhe um sentido, uma organização, através da construção de tramas e narrativas possíveis.

O que está em pauta nunca são os fatos de per si, mas o peso, a posição, a combinação e a importância que eles trazem com referência uns aos outros na elaboração de explicações. [...] embora possam existir métodos para descobrir o que aconteceu, não existe absolutamente nenhum método pelo qual se possa afirmar de uma vez por todas, “ponto final”, o que os “fatos” significam<sup>21</sup>.

E

A compreensão histórica sempre terá presente a experiência atual de vida do historiador [...] entretanto, para que as ações do passado não sejam submetidas somente ao presente, é preciso lançar mão de uma série de regras e operações, com as quais o contexto das ações e suas relações possam ser reconstruídas e objetivadas, e assim possuindo um mínimo de universalidade, mesmo que precária<sup>22</sup>.

A história é feita hoje, neste instante, o fato, passado, já aconteceu, não há como voltarmos no tempo, não há um resgate, somente registros possíveis a partir do olhar de cada historiador.

Se simplesmente arquivar não é história, então a questão nos faz refletir por outro campo, a construção da memória. Seixas define memória como criação do passado:

Toda memória é fundamentalmente criação do passado: uma reconstrução engajada do passado e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento<sup>23</sup>.

Ser reconhecido no futuro é uma hipótese plausível e geradora de inúmeras outras questões, quando Silvio Kempa, foi questionado a respeito da história de Brasnorte, ele respondeu:

Aquilo é uma montagem, quando a história é feita por um determinado indivíduo, ele vai falar única e exclusivamente de si, quando chega um historiador, como é o caso desses empregos que já vimos por ai, ele vai se fixar em quem pagar lhe pagar pra ele publicar o seu livro, não vai ouvir ninguém, e nem vai querer saber, do que aconteceu realmente, ele vai ouvir a pessoa que está em projeção no momento, e essas pessoas normalmente não falam a totalmente a verdade não, esquecem, ignoram porque querem ser o centro das atenções, eu não vejo essas histórias que tem ai como legítimas não, ela deve ser mais esmiuçada, ela deve ser mais pesquisada, mais procurada, pra que se tenha ponto de vista de vários elementos, de vários ângulos para que se tenha realmente uma história<sup>24</sup>.

<sup>21</sup> JENKINS, op. cit. p.60

<sup>22</sup> GADAMER, Hans-Georg. História, hermenêutica e representação. In. DIEHL, Astor Antônio. *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 90 e 91.

<sup>23</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP; Editora da UNICAMP, 2004. p.42

<sup>24</sup> KEMPA, Silvio, Entrevista para o autor em 27 jan. 2007.



Seria mesmo uma necessidade de reconhecimento, ou a rejeição a uma “história” contada de forma cristalizada, uma história que não considera o outro?

Heinst trata esta questão relacionando a memória coletiva, como instrumento de poder, contextualizando o Estado de Mato Grosso, mostrando como o sentimento de progresso, vindo desde os anos setenta com a dita dura militar, faz emergir a construção do pioneiro, do herói e vencedor. Mostra a partir da história de Mirassol do Oeste como foram escritas para a cidade, histórias retilíneas, contínuas e progressistas. Um história cristalizadora como se uma verdade fosse possível<sup>25</sup>.

Voluntariamente ou não, o arquivo familiar conduz a construção de memória. Não somente no sentido de adquirir conhecimentos, mas, no sentido de representar ou marcar um momento que nunca será o mesmo. De acordo com Maurice Halbwachs, citado por Pollak<sup>26</sup>, o historiador, deve compreender a memória como um fenômeno social, construído de forma coletiva. A hipótese seria então a de ter uma garantia de que no futuro, o arquivo familiar teria como comprovar fatos, datas, nomes, lugares referentes ao período inicial da colonização de Brasnorte<sup>27</sup>.

Entre os vários questionamentos que a pesquisa proporcionou, surgiram hipóteses. Mas, hipóteses não são suficientes para explicar e compreender, a história é um exercício de análise e interpretação, somente desta forma é possível à compreensão de alguns questionamentos e o surgimento de outros.

Cada uma das pessoas que para cá se deslocavam, traziam consigo um desejo de trabalhar e crescer, e sonhavam ter uma vida diferente, mais promissora. Brasnorte era uma terra de “oportunidades”, e a propaganda contribuía para esse deslocamento.

Escrever de um tempo tão próximo, nos torna vulneráveis pela possibilidade de sermos questionados pelos testemunhos vivos e, ao mesmo tempo nos permite a freqüente revisão do trabalho historiográfico produzido<sup>28</sup>. Por outro lado, esta proximidade do recorte temporal com o tempo presente possibilita, além do trabalho com fontes escritas ou imagens, a pesquisa com fontes orais, fornecendo novos vestígios do passado<sup>29</sup>.

A partir de fontes escritas, entrevista e imagens, do arquivo pessoal de Silvio Kempa, o presente trabalho, busca um outro olhar para a história de Brasnorte. Sem a intenção de

<sup>25</sup> HEINST, Andréia de Cássia. *Pioneiros do Século XX: memória e relatos sobre a ocupação da cidade de Mirassol D'Oeste*. Cuiabá, 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>26</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212..

<sup>27</sup> Deve-se considerar que as pessoas envolvidas no acúmulo dos documentos analisados, não tem noção de como a história trata os documentos, sejam eles de qualquer espécie. Para eles, naquele momento, a história só tem validade a partir da verdade, com pessoas e fatos. Uma história contínua e cristalizadora, onde os fatos e documentos são tratados como monumentos.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, op. cit. p.13-14

<sup>29</sup> ALBERTI, op. cit. p. 78

torná-lo um monumento na história local, mas, tendo como objetivo, dar visibilidade a outras pessoas na construção dos espaços que compõem a cidade de Brasnorte. Contribuindo desta forma para a produção de outras possibilidades de olhar a cidade fazendo fluir novas perspectivas dentro de um contexto existente.

Este trabalho tem sua importância para a população brasnortense, por evidenciar aspectos pouco estudados no campo da história, os trabalhos feitos até o presente tem uma ótica progressista e contínua, embora todos tenham dado sua contribuição à historiografia de Brasnorte, devemos considerar que o município tem muitas histórias a serem contadas e, vários são os olhares possíveis para elas.

Na primeira parte do texto, *O projeto Visto de Cima*, a narrativa é construída a partir da colonizadora, buscando entender os movimentos migratórios, contextualizando desta forma o período estudado e, mostrando também o uso da propaganda como forma de acelerar o processo de ocupação do Vale do Rio do Sangue.

Na segunda parte do texto, *O Projeto Visto de Baixo*, mostra como a cidade foi desenhada no meio da floresta e, como os moradores se organizavam socialmente na busca de uma solução para aquilo que julgavam suas necessidades.

## 1.0 - O PROJETO VISTO DE CIMA

### 1.1 - Cascavel – PR, 1979

Numa Sala do Escritório da BRASNORT – Administração de Imóveis e Colonização Ltda., localizado na Avenida Brasil, 2.138 – 1º andar<sup>30</sup>. Dois homens conversam sobre terras em Mato Grosso. O primeiro, um corretor<sup>31</sup> de terras, Diretor da empresa imobiliária, que nos anos 70 do século XX, oferecia uma oportunidade de mudança de vida às pessoas, em especial moradores do Sul e Sudeste do país.

A empresa, havia adquirido terras do Grupo Roderjan<sup>32</sup>, e nestas terras, desenvolveu um projeto de colonização particular, do qual fazia propaganda na região Sul e Sudeste do Brasil, visando o interesse de lucrar com a venda de terras, (re)povoar<sup>33</sup> uma parte da Amazônia, vendendo o sonho do eldorado<sup>34</sup>.

O segundo, um morador do sul do país, disposto a abrir mão de tudo que possuía em sua terra natal. Em busca de novas oportunidades de trabalho e do sonho de uma vida melhor, via na oferta da Brasnort, a esperança de encontrar o que desejava para si e sua família<sup>35</sup>.

A propaganda sobre as terras maravilhava à primeira vista. Fotografias, reportagens, folder, até música tinham feito como forma de apresentar a Gleba Vale do Rio do Sangue<sup>36</sup>. Ao se deparar com uma dessas propagandas, as pessoas queriam saber onde ficava, qual era o

<sup>30</sup> BRASNORT, Boletim técnico. Ano 01. v. 01.

<sup>31</sup> Segundo, FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio versão 5.0 edição revista e atualizada*: Dicionário eletrônico. Curitiba: Positivo, 2006; , corretor sign ifica: “Agente comercial que serve de intermediário entre vendedor e comprador, representando um ou outro eventualmente”

<sup>32</sup> FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*. Secretaria de Estado de Educação. Ed. BURITI, Cuiabá – MT, 2001; O Grupo Roderjan, havia adquirido parte das terras das Casas Anglo Brasileiras, sediada em São Paulo, esta tinha na região um projeto agropecuário financiado pela SUDAM, iniciado no ano de 1967. Em 1978, o Grupo Roderjan Passou parte destas terras para serem colonizadas pela Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização LTDA, responsável pela venda das terras e pelo Projeto Vale do Rio do Sangue.

<sup>33</sup> O termo (re)povoar é utilizado desta forma devido a trabalhos de autores como Siqueira (2002), Oliveira(2004), Canova(2003), Pivetta(1993), fazem referência a presença de povos indígenas na região. Esta presença é marcada em todo o território entre as margens dos Rios Juruena e Rio do Sangue.

<sup>34</sup> Sobre eldorado ver. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz – *A lenda do ouro verde*. Campinas, 1986. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade de Campinas. \_\_\_\_\_ . Memória e imagens da conquista no movimento de reterritorialização da Amazonia – Mato Grosso. UFMT

<sup>35</sup> Não irei nominar as pessoas, para não incorrer no erro de fazer julgamentos da colonizadora ou das pessoas que compraram terras no Vale do Rio do Sangue.

<sup>36</sup> O Projeto Vale do Rio do Sangue, era administrado pela BRASNORT, no entanto, nas escrituras das terras, encontramos o seguinte texto: “... *Projeto de Colonização denominado Vale do “Rio do Sangue” de propriedade da Colonizadora Agropecuária do Cravari S/A*”. grifos meus

preço das terras, e muitas, vinham para Brasnorte apenas pela propaganda<sup>37</sup>. E dessa forma, mais um comprador foi convencido de que Brasnorte seria a terra das grandes oportunidades.

## 1.2 O caminho

O calor do cerrado era extenuante dentro da Kombi<sup>38</sup> que transportava os novos moradores de Brasnorte. Alguns haviam vendido tudo o que tinham no sul do país e vindo tentar uma nova vida em Mato Grosso. O barulho do motor confundia-se com o som das vozes dos passageiros que se alternavam nas suas falas, ora contando o que faziam na antiga terra, ora falando dos planos para a nova vida prestes a começar. Vez por outra um animal cruzava a estrada causando surpresa, alegria e aumentando a esperança de um futuro mais próspero. O ritmo da viagem era lento em uma estrada de areia onde, devia-se trafegar com cuidado.

Há certa altura da estrada, a paisagem transforma-se, as árvores antes baixas, retorcidas, com aspecto tosco tornando a beleza da paisagem bem peculiar, característica do cerrado<sup>39</sup>, ia convertendo-se numa mata um pouco maior, aos poucos a floresta foi surgindo, com árvores enormes, retas, muito verdes, tão grandes que suas copas encontravam-se no alto da estrada transformando-a num túnel, via-se apenas mata e uma luz natural no horizonte, à sombra da floresta tornava a viagem neste ponto um pouco mais confortável. A floresta era sinal de proximidade com o destino objetivado, o sol não mais castigava os viajantes para a nova terra. A ansiedade crescia a cada quilômetro percorrido, curva após curva esperava-se a visão do que seria a promessa do paraíso.

A estrada havia sido aberta há pouco tempo, o que tornava o tráfego difícil, muita areia, fluxo de pessoas muito baixo e pouca orientação para se chegar a Brasnorte<sup>40</sup>. Macacos, cobras, araras, jacus, papagaios e outros bichos eram as principais companhias da viagem, principalmente na parte da floresta<sup>9</sup>.

<sup>37</sup> KEMPA, Silvio, Em entrevista para o autor. Brasnorte, 27 jan. 2007. *“tínhamos nossos familiares lá em Marechal Rondon que eles falavam dessa possibilidade de adquirirmos um pedaço de terra aqui em Brasnorte e poderíamos estar nos deslocando pra cá.”*

<sup>38</sup> Veículo da marca Volkswagen, utilizado para transporte de passageiros, semelhante a um micro ônibus.

<sup>39</sup> Enquanto a vegetação do cerrado é composta de árvores retorcidas com cascas grossas, espaçadas uma das outras, a floresta é o local de mata alta, fechada, com características da bacia amazônica.

<sup>40</sup> *A colonizadora não dispunha nem de uma orientação na estrada para nos dizer onde que estava localizada o vilarejo de Brasnorte, que seria hoje a cidade de Brasnorte.* Fala do Sr. Silvio Kempa em entrevista realizada no dia 27 jan. 2007.

No caminho percorrido de Cuiabá até Brasnorte, a geografia transforma-se continuamente, saindo da baixada pantaneira para uma região de serra, em seguida após mais uma serra, entra-se na imensidão do cerrado, o chapadão dos Parecis<sup>41</sup>, para depois adentrar a mata alta. A floresta amazônica, com seus encantos e espantos que causa, é o lugar dos sonhos e das esperanças, o lugar escolhido em uma fronteira a ser explorada de forma diferente dos seringueiros de décadas anteriores, o lugar da realização dos sonhos e da transformação de vidas de pessoas dispostas a desafios nunca antes experimentados.

Após um dia inteiro de viagem, desde Tangará da Serra, a Kombi chega a Brasnorte<sup>42</sup>, um pequeno vilarejo em construção, desenhado entremeio a floresta alta, algumas ruas já se encontravam abertas, algumas construções de madeira e terrenos sendo limpos com barracos de lona montados por famílias que haviam chegado a pouco tempo, trazendo consigo a expectativa de uma nova vida em uma nova terra.

Em carta<sup>43</sup> para a sua esposa, Dona Maria Teresa, o Sr. Silvio Kempa afirma “já tem aqui cerca de 60 famílias e umas 600 a 700 pessoas”<sup>44</sup>. Esta afirmação sugere um local em pleno desenvolvimento, um local promissor e de futuro enriquecedor para os que aqui se aventurassem.

O ânimo foi geral dentro da Kombi, o que se viu desde o momento da entrada no vilarejo deixou todos extasiados e ansiosos para conhecer um pouco mais da nova terra. O ponto de chegada era em uma pensão que havia sido montada pela colonizadora Brasnorte. E assim dava-se início a uma das “inúmeras possibilidades<sup>45</sup>” da história deste lugar chamado Brasnorte.

Nesta interlocução com as fontes, estarei discutindo e narrando um pouco de Brasnorte procurando entender como esta se construiu e se transformou no correr dos anos, especialmente no período que compreende de 1979 a 1982.

---

<sup>41</sup> Chapadão dos Parecis é a maior área de terras planas do planeta, próprias para a agricultura, com 2,1 milhões de hectares. Este espaço do solo em Mato Grosso, equivale ao território do Estado do Sergipe. Nestas áreas vastas e férteis (...) predominam as grandes lavouras de soja, milho, algodão (...)” ( *A Gazeta*, Cuiabá, 10 de fevereiro de 2002). In CANOVA, Loiva. *Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757)*. Cuiabá, 2003. Dissertação. (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso. .

<sup>42</sup> Grafia original, de acordo com a Colonizadora.

<sup>43</sup> Sobre correspondência, ver GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In. \_\_\_\_ (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. onde: “A correspondência pessoal[...]é, um espaço revelador de idéias, projetos, opiniões, interesses e sentimentos”. P. 51-52.

<sup>44</sup> KEMPA, Silvio. Em carta para Sra. Maria Teresa Dolzan Kempa. Brasnorte, 08 ago. 1979.

<sup>45</sup> JENKINS, Keith. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2001 p.10. “construímos, pois, uma trama e uma narrativa do passado a partir das fontes existentes, dos recursos teóricos metodológicos escolhidos e de um olhar, dentre vários outros possíveis...”. (grifos meus)

### 1.3 - Entendendo a ocupação

Após o golpe de 1964 os militares irão priorizar a modernização da economia e a partir disto, a modernização da agricultura. Um dos estados que sentiu os efeitos dessa modernização foi o Paraná, principalmente dos anos 70 do século XX, com o fim dos cafezais que tinham como base a agricultura familiar, o processo de mecanização da agricultura o Paraná sofreu grandes conseqüências como à redução e redistribuição da mão de obra e a alta taxa de desemprego.

O êxodo rural, o desemprego e os conflitos sociais existentes, forçaram um processo migratório para outros estados servindo como um ponto de fuga, tanto para o Governo Federal, que vê no problema uma solução para ocupação das fronteiras da Amazônia, como para a população que fugia do desemprego e pobreza latentes no Paraná dos anos 70<sup>46</sup>. Migravam para Rondônia, estado com grande fluxo de migrantes do Paraná e Mato Grosso, iam para ambos os estados através de projetos de colonização elaborados e financiados pelo Governo Federal<sup>47</sup>. Entre estes projetos de colonização constava o Projeto Brasnort no Vale do Rio do Sangue, projeto da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda., sediada em Cascavel – PR, que com propagandas magníficas<sup>48</sup> e distantes da realidade do local atraiu famílias para o noroeste mato-grossense, instalando-os numa nova fronteira a ser explorada.

A grande maioria das pessoas participantes do processo de ocupação da Amazônia embrenhou-se na floresta em busca de um sonho, de um desejo de ter uma vida melhor ou diferente da que viviam no lugar de origem. Todo desenvolvimento produzido pelas pessoas que migraram para o oeste não é um ato heróico e sim um processo na busca da satisfação de uma necessidade própria, uns de ocupar uma terra que “lhes pertence”, outros de ter um pedaço de chão, uma terra com a qual sonhavam e julgavam ser esta parte do eldorado amazônico. Não há heróis e sim homens e mulheres dispostos a superar situações de dificuldades que surgem quando tomamos parte num processo de transformação de nossa própria vida diante de uma nova fronteira.

---

<sup>46</sup> SWAIN, Tânia Navarro. Fronteiras do Paraná: da colonização a migração. In: AUBERTIN, Catherine e BECKER, Bertha. (org), et. al. *Fronteiras*. BRASÍLIA: Universidade de Brasília, 1988.

<sup>47</sup> Id ibid. p.36

<sup>48</sup> SEBEN, Hugo. *Vale do Rio do Sangue – Inigualável Fulcro Agrícola*. Folha de Londrina, Londrina – PR, 23 mar. 1979. p. 9.

Segundo Frederick Jackson Turner<sup>49</sup> fronteira significa uma linha (mesmo que imaginária) entre a terra povoada e a terra livre ou ainda, o ponto de encontro entre o civilizado e o primitivo. A fronteira permite que os colonos busquem novas condições de vida nas terras livres, o que é um incentivo para o espírito de iniciativa e para a defesa da igualdade de oportunidades. A dinâmica do processo não é explicada apenas pelas oportunidades abertas pela terra livre, mas também, porque o homem da fronteira, ao buscá-las, entra em contato com a simplicidade da sociedade primitiva, sendo obrigado a se adequar aos padrões nativos em relação com a natureza. A partir da adaptação a padrões primitivos, são desenvolvidas novas técnicas de trabalho, valores e padrões de sociabilidade, inclusive recuperando sua bagagem e/ou estoque cultural. Isso demonstra que pela teoria Turneriana, o migrante volta a um estágio primitivo de civilização e após a adequação ao meio em que vive retoma o seu ímpeto a civilização, utilizando para isso o saber acumulado durante gerações.

A nova fronteira no noroeste do Brasil teve um desenvolvimento diferente da fronteira do Paraná, de Rondônia ou São Paulo, é de senso comum que, durante muito tempo os homens que partiram para a fronteira inexplorada e “inesgotável” da Amazônia, tinham somente o interesse de tirar proveito dos recursos disponíveis (índios como mão de obra escrava, ouro, diamantes, dentre outros.), no entanto, podemos dizer que a fronteira foi utilizada como válvula de escape para as pressões urbanas, como forma de amenizar conflitos econômicos e sociais. Esta concepção parece estar permeando a tese de Turner por meio da noção da fronteira como *o ponto de encontro entre a terra povoada e a terra livre*<sup>50</sup>.

Todo Processo de ocupação de território culmina em disputa política e disputa pelo poder, questões que geram discursos na tentativa de produzir sua própria verdade e conseqüentemente construir uma história de acordo com os interesses de quem fala<sup>51</sup>.

Fazer história é interpretar o não dito, escrito às margens, é explorar a teia que envolve as relações presentes nos processos que transformam o cotidiano das pessoas. É como diz Jenkins<sup>52</sup>: produzir *um discurso cambiante e problemático*, questionando o passado e entendendo-o a partir de nossas próprias concepções no presente.

O passado se configura, adquire forma, é desenhado na incessante batalha que os homens travam no presente, buscando dar a ele uma consistência, uma estabilidade,

---

<sup>49</sup> WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sergio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 98-99

<sup>50</sup> idem.

<sup>51</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural do College de France, dezembro de 1970*. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

<sup>52</sup> JENKINS, op. cit. p. 52.

uma memória, que sirva de suporte para projetos, estratégias, astúcias, que apontam para a construção de verdades possíveis sobre o ser do homem no tempo.<sup>53</sup>

É o que produzimos a partir do lugar onde estamos, daquilo que vivemos, do que carregamos durante uma vida, ou parte dela. É como diz Certau<sup>54</sup>, *um lugar social que se articula com um lugar de produção*<sup>25</sup>, a partir da subjetividade do historiador.

No ano de 1979, muitas famílias deslocaram-se da região sul e sudeste do país, em busca do sonho do eldorado amazônico, no intuito de ter uma vida nova procuraram a Colonizadora Brasnort de Cascavel, que vendia lotes no noroeste do Estado de Mato Grosso. A propaganda feita pela colonizadora era fabulosa, como se tudo estivesse pronto, era só chegar e ganhar dinheiro, pela propaganda tudo aqui era mais fácil, as riquezas eram abundantes, uma terra cheia de oportunidades<sup>55</sup>, ledô engano, o que se encontrou não foi bem isso. As condições de moradia não eram as melhores, não havia água encanada para as casas, as estradas ruins, devido a areia, tornavam-se de difícil trânsito. Alimentos, atendimento hospitalar, educação e outros serviços públicos estavam a mais de 300 quilômetros de distância. A solução era deslocar-se até Tangará da Serra, a 360 quilômetros ou Cuiabá a 570 quilômetros. Dificuldades que tinham de ser superadas, não por heroísmo, mas pela necessidade sentida pelas pessoas em superar desafios e suprir o que lhes faltava. Derrubar a mata, preparar a terra para o plantio ou criação de gado, limpar o lote na cidade para a construção de sua moradia quando não morava na propriedade rural, isso eram necessidades, não há como se estabelecer sem ao menos executar os serviços básicos de abertura da floresta.

Por outro lado, havia o encanto com a nova terra, as árvores enormes, os bichos, os peixes, rios de águas limpas, o clima tropical era agradável, mesmo com o calor intenso era melhor do que o frio e a geada do sul e sudeste.

O clima é citado também como atrativo nas propagandas da colonizadora, conforme cita Hugo Seben, na folha de Londrina de 25 de março de 1979: *o clima é tropical úmido, isento de geadas e secas*<sup>56</sup>. As condições citadas são sempre contrárias às encontradas no sul do país, isso porque o fator clima, influência diretamente na produção e, conseqüentemente, no ganho real de quem produz. O jornalista refere-se ao clima, como que no Mato Grosso as

<sup>53</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Um leque que respira: a questão do objeto em História. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000. p. 119

<sup>54</sup> CERTAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 66.

<sup>55</sup> SEBEN, *op. cit.*, p.9

<sup>56</sup> Id. *ibid.* p.9



condições climáticas só ajudam e não atrapalham as colheitas e o dia-a-dia. Ele considerou somente a geada esquecendo que pode haver seca, e outras intempéries.

A mesma reportagem que cita o clima, traz informações a respeito da infra-estrutura da cidade dizendo que a cidade *já tem hotel, armazém, posto de gasolina, grupo gerador, estando em construção, hospital e a escola com médico, dentista e professor contratados*<sup>57</sup>. No entanto, a realidade apresentava-se de forma diferente, em agosto de 1979 o vilarejo contava com pouco mais de 30 casas, parte dos moradores tinham casa na propriedade rural. As principais casas eram as casas da colonizadora que ainda mantinha no local um escritório improvisado, as ruas já tinham sido abertas, mas nem todas eram ainda transitáveis, a abertura consistia em definir o traçado, abrir uma picada<sup>58</sup> e em seguida, entrar com os tratores de esteira derrubando a mata para dar espaço à população que viria.

Os anos que compreendem o período, 1979 a 1982 foram ao mesmo tempo anos de sonhos, conquistas, decepções e dificuldades para as pessoas que se deslocaram de outros estados rumo a Brasnort. As pessoas divertiam-se muito nos rios, pescavam, caçavam, viram e aprenderam coisas diferentes, fizeram coisas nunca antes pensadas, algumas por necessidade outras, pelo desejo de experimentar o sabor da fronteira, o prazer da liberdade e o gosto do novo. Cada uma das pessoas que para cá se deslocavam, traziam consigo um desejo de trabalhar e crescer, e sonhavam ter uma vida nova ganhando muito dinheiro...

## 1.4 - A propaganda do Vale do Rio do Sangue

### 1.4.1 - A pombinha Brasnorte

Eu já vou indo, com a pombinha Brasnort,  
Para o vale do Rio do Sangue, Em Mato Grosso do Norte<sup>59</sup>

Noé...Depois soltou uma pomba.. mas a pomba, não achando onde pousar o pé tornou a ele para a arca...; Esperou mais sete dias e tornou a soltar a pomba fora da

---

<sup>57</sup> Id. Ibid. p.9

<sup>58</sup> Pequeno atalho entreabrindo a mata, utilizado como passagem ou como a primeira parte no processo de medição de terras, serve como demarcação territorial e/ou delimitador para abertura de estradas ou ruas.

<sup>59</sup> WURDEL, Edson; TABORDA, Ivan. *Pombinha Brasnort*. Maringá: Itaipu. 1979. 1 disco, 33 1/3 RPM, Microsulco, Stereo. 5.61.201.009

arca. À tarde, ela voltou a ele; trazia no bico uma nova folha de oliveira... Então, Noé esperou mais sete dias e soltou a pomba; ela, porém, já não tornou a ele<sup>60</sup>.

Uma das formas da Colonizadora Brasnort fazer sua propaganda, era utilizando um pequeno disco de vinil que continha músicas que falavam de seus projetos de colonização, os cantores que interpretavam as canções eram Ivan Taborda e os Sulinos, o disco era gravado pelo Estúdio Itaipu da cidade de Maringá no Paraná, além da propaganda da Gleba Vale do Rio do Sangue, trazem propagandas da Gleba Jaraguá, Gleba Juruena e uma música intitulada Trovas Gaúchas, a música Pombinha Brasnort de Edson Wurdel e Ivan Taborda, no lado B, faixa 2, traz em seu conteúdo uma descrição breve de como seria a nova terra, dando a impressão de uma terra que emana leite e mel, como podemos ver em seguida.

Com a Pombinha Brasnort  
Pra voar tu és ligeira  
Para o vale do Rio do Sangue  
Lá tem terras de primeira,  
Que dá café, tem cacau e tem madeira  
Em Mato Grosso do norte  
Capital da cerejeira

“Eu já vou indo, com a pombinha Brasnort,  
Para o vale do Rio do Sangue, Em Mato Grosso do Norte” (bis)

Com a Pombinha Brasnort  
Pois teu voar é seguro  
Para o Vale do Rio do Sangue  
Onde está nosso futuro  
A terra é boa e com ela eu me misturo  
Nesta região criança  
Até o ar é mais puro

“refrão”

Com a Pombinha Brasnort  
Rasga as nuvens, corta o ar  
No Vale do Rio do Sangue  
Daqui a pouco vai pousar  
Vou comprar terras  
Fazer grande criação  
Lugar livre de geada  
Próprio para plantação

“refrão”

Com a Pombinha Brasnort  
Sobre o céu teu vôo brilha  
Para o Vale do Rio do Sangue  
Leva eu e a família  
É lugar Bom

---

<sup>60</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo de Genebra*. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo e Barueri – SP. Sociedade Bíblica do Brasil. Editora Cultura Cristã. 2000. Gn 8,8.12

Tem estrada, escola e Igreja  
Terra abençoada por Deus  
Tem tudo que se deseja

“refrão”

Edson Wurdel e Ivan Taborda<sup>61</sup>

A pombinha brasnort, era o avião da colonizadora, utilizado para o transporte dos interessados em comprar terras, e a música foi usada para provocar um desejo de vir conhecer o Mato Grosso. A colonizadora trazia os interessados em seu avião ou de carro e já voltava, muitas vezes, com o negócio fechado para o Paraná, segundo o Sr. Silvio Kempa a colonizadora:

[...] tinha dois veículos, ou ela trazia de avião e sem despesa alguma desde que a pessoa comprasse terra, se não comprasse terra ela teria que pagar as passagens do transporte de Cascavel até Brasnorte.

Na maioria das vezes já tava definido, porque verificavam o terreno a localização tudo e já saiam daqui com o negocio fechado.<sup>62</sup>

Enquanto Noé solta uma pomba e esta não achando refugio retorna, e na outra vez retorna com um ramo, e na terceira vez que é solta não retorna mais, a colonizadora faz de seu avião o meio para se chegar a um local seguro no instante que se desejar, e mais, só teria custo a viagem se não houvesse a aquisição de terras era uma proposta vantajosa e ao mesmo tempo isto despertava uma confiança do possível comprador para com a colonizadora, pois, se eles traziam as pessoas para cá sem custo, desde que comprassem terras, não estar iam mentindo sobre as terras.

A relação entre as duas, a pomba de Noé e a pombinha brasnort, se dá no momento em que máquina e ave passam a ter o mesmo significado, ou seja, ambas representam a busca por uma nova terra, um refugio, um local seguro para se iniciar uma nova vida. Na Bíblia, a segurança está na fé que Noé tem, pela promessa de Deus, na propaganda, a segurança esta na própria colonizadora.

O símbolo da aliança é para Deus e Noé o arco-íris, para a colonizadora a assinatura dos papéis de compra das terras e o colorido ficou por conta da própria terra, nas suas matas e aves como araras, tucanos, papagaios e o utras aves e bichos da fauna local.

A música, veiculada em rádio e televisão, fala de terras de primeira, tão boas que algumas culturas como o cacau, já tem na terra, e tem ainda a madeira que pode ser explorada, não esquece ainda de lembrar, ao paranaense principalmente, que a terra produz café e é livre

<sup>61</sup> WURDEL, *op. cit.* [s.p]

<sup>62</sup> KEMPA, Silvio, Em entrevista para o autor. Brasnorte, 27 jan. 2007.

de geadas, aos que gostam de gado, é lembrado das grandes áreas, local para grandes criações, dando também a noção que tem lugar para muita gente. Termina falando da cidade, dizendo que tem estrada, escola e igreja quando na realidade tinham-se apenas as áreas demarcadas dentro do projeto chamado Gleba Vale do Rio do Sangue.

Repete em seu refrão *eu já vou indo*, denotando que só não compram terras na Gleba Vale do Rio do Sangue aqueles que não desejam fazer parte da ocupação de uma terra promissora cheia de grandes expectativas e oportunidades.

#### **1.4.2 - Uma Reportagem – “Inigualável Fulcro Agrícola”**

Não só a música fez parte da propaganda, mas reportagens em jornais de maior circulação. Tivemos acesso em nossa documentação a um recorte que traz uma reportagem da Folha de Londrina, Paraná, do dia 25 de março de 1979, sob o título “Vale do Rio do Sangue: Inigualável Fulcro Agrícola”, elaborado pelo Sr. Hugo Seben.

A reportagem inicia trazendo uma descrição das maravilhas amazônicas, trazendo aspectos encantadores sobre sua fauna e flora e, com o mesmo discurso paradisíaco da música Pombinha Brasnort. Em seguida o autor da reportagem fala das plantações que viu quando da sua visita ao Vale do Rio do Sangue citando *“ficamos deveras deslumbrados com o que vimos: arroz com cachos de dois palmos, café viçoso, cacau, pimenta do reino, colônia, milho etc.”*<sup>63</sup>

E os colonos acreditaram no que liam. Somente aqueles que conheceram Brasnorte no fim da década de 1970 e início da década de 1980, têm ou tiveram a noção da realidade local e da força do discurso produzido pela colonizadora. O estágio em que se encontrava o projeto de colonização nos idos de 1979, não permitia ter tais plantações na forma como foram descritas, no entanto, devemos considerar um aspecto no interesse da Colonizadora, ela precisava vender terras para isso, criou o discurso de uma terra onde jorra leite e mel, afirmando uma verdade produzida através do discurso e apostando na força da imprensa no intuito de não ver seu projeto fracassar<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> SEBEN, *op. Cit.* p.9.

<sup>64</sup> O relatório 02/79 do escritório local da Colonizadora demonstra esta preocupação quando fala das condições do viveiro, carência de água potável, falta de carne, condições das sementeiras e da derrubada para o seu plantio de café.

A reportagem fala ainda da vegetação e recomenda que não se façam queimadas como forma de gerar matéria orgânica e preservar o solo, fala da madeira de forma abundante, deixando claro que esta pode ser o primeiro meio de obter algum lucro para os novos moradores. Quanto à quantidade de madeira, talvez ele estivesse correto, é importante ressaltar que antes de extrair a madeira da floresta, é preciso ter um meio de se chegar até ela, citar serrarias como forma de garantir um comércio de madeira é simplesmente inútil se não considerar o processo de extração da madeira<sup>65</sup>, este feito no decorrer de todos estes anos de forma desordenada e sem preocupação com o futuro, talvez pelo sentimento criado de que as fontes de matéria prima florestal seriam inesgotáveis, ou melhor, inigualáveis.

Hugo Seben, tem o cuidado de relatar alguns dados técnicos sobre o local como índice pluviométrico, altitude, clima, tipo de solo, tudo aquilo que um produtor precisa saber antes de decidir se compra ou não uma terra. A reportagem fala da infra-estrutura do local descrevendo uma cidade de traçado retangular com avenidas e ruas largas, o que despertaria um sentimento de segurança nas pessoas, pois, ruas largas denotam que por mais próximo da floresta que a cidade esteja, o lugar está limpo de bichos e animais peçonhentos que possam causar algum dano a alguém. Fala ainda de uma cidade pólo onde já existia uma infra-estrutura pronta, contando com hotel, posto de combustível, energia elétrica gerada a motor, atendimento médico e hospitalar e escolas para os filhos dos novos moradores<sup>66</sup>.

Um relatório do escritório local da colonizadora Brasnort, assinado pelo Sr. Rafael Fortes Gonzáles, corretor de imóveis, enviado ao Sr. Nelson Vetorello, um dos diretores da empresa, datado de 31 de outubro de 1979, quando trata do assunto “médico” traz em seu conteúdo o seguinte: “*ainda indecisa sua permanência ou fixação de residência*”<sup>67</sup>, este documento contradiz a propaganda da própria colonizadora que afirma na reportagem do mês de março que já contava *com médico, dentista e professor contratado*.

---

<sup>65</sup> O processo de extração de madeira consiste entrar na mata, localizar as árvores que servem para comercialização, numa área próxima ao local onde será extraída a madeira é aberta uma clareira chamada “esplanada” que servira como um depósito inicial das toras, em seguida são abertos caminhos na floresta para tornar mais fácil a retirada das árvores, são necessárias varias pessoas no processo além de equipamentos adequados, o que a grande maioria dos compradores de terras que vieram para Brasnorte, só tomaram conhecimento ao se depararem com as enormes árvores da flora amazônica, após a derrubada da árvore, são cortados os galhos e um trator arrasta o tronco até a esplanada onde será novamente cortado em toras e medido para controle de extração, em seguida as toras já prontas são carregadas em um caminhão e transportadas até a serraria que é a ultima no processo de extração. Devemos considerar que além do processo de extração existe uma legislação especifica que regulamenta tal atividade, no entanto, muito se tirou das matas e pouco se aplicou da legislação e o resultado disso, é a quase extinção de algumas espécies de madeira como o mogno, cerejeira e peroba rosa.

<sup>66</sup> SEBEN, *op. cit.* p.9

<sup>67</sup> Relatório nº02/79 do escritório local da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda.

As reportagens jornalísticas serviam não só para iludir futuros compradores, mas para mostrar que a Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda., cumpria as determinações da Instrução nº. 19<sup>68</sup> de 1978, do Ministério da Agricultura, elaborada pelo INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, que dispunha sobre os projetos de colonização particular.

É possível afirmar isso quando analisamos tanto à reportagem quanto a instrução nº. 19, é como se um justificasse o outro. Na reportagem, temos a descrição do clima, do solo, da infra-estrutura, dos recursos naturais, localização e até uma preocupação disfarçada com o uso do solo.

Ao analisar a documentação, observamos uma construção do discurso com um duplo objetivo, o de vender terras e o de mostrar ao Governo Federal, especificamente o INCRA, que o projeto Vale do Rio do Sangue atendia as especificações da instrução nº. 19 e das Normas DPC – 2L e DPC – 4L<sup>69</sup>, estas duas últimas, dispunham sobre a formação de unidades agrícolas independentes e formação do núcleo urbano respectivamente.

A reportagem vem ainda mascarada como forma de propaganda, denota para o comprador um lugar excelente para se morar, viver e construir uma nova vida cheia de riquezas e, ao mesmo tempo mascara uma realidade inexistente para as instituições reguladoras dos processos de (re) ocupação da Amazônia.

Segundo Cardoso (1977), o INCRA definiu um método de trabalho para os projetos de colonização a partir da década de 1970, onde as ações dos órgãos do governo seriam setorizadas. Num primeiro momento esta divisão foi feita de três formas. A primeira, chamada *Organização Fundiária* responsável pelo mapeamento jurídico e geográfico, onde definiria as áreas utilizadas e seria também responsável pela parte jurídica, subdividia-se nas unidades de regularização fundiária e unidade de topografia. A segunda, *Organização Agrária* teria sob sua tutela a administração e o assentamento nos projetos dividida na unidade de organização social e unidade de infra-estrutura social. A terceira denominada de *Promoção*

---

<sup>68</sup> BRASIL, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Instrução nº 19 de 05 de maio de 1978. Dispõe sobre a metodologia a ser obedecida nas atividades de colonização particular, fixando as condições a que devem satisfazer os anteprojetos e os projetos submetidos a aprovação do INCRA. – Ministério da Agricultura – INCRA – Coordenadoria Regional de Mato Grosso CR – 13 – Divisão Técnica – Seção de Projetos e Operações. Cópia

<sup>69</sup> Id. NORMA: DPC 2L e 4L – ano 1977, dispõem sobre a formação de núcleos agrícolas e urbanos dos projetos de colonização. Ambos os documentos trazem as diretrizes a serem seguidas na elaboração e execução de um projeto de colonização.

*Agrária*, seria responsável pela manutenção dos projetos e da produção, dividia-se em duas unidades, uma a de uso da terra e a unidade de economia da terra<sup>70</sup>.

Fotografias de viveiros, grandes árvores, estradas abertas, homens trabalhando, são parte da construção de um discurso construído em prol da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda., o entendimento que se tem após a análise da documentação, sugere a necessidade de uma comprovação de que existia um projeto em andamento, a propaganda analisada a seguir, é um pouco mais realística, no entanto, tem a mesma finalidade das outras formas de propaganda.

### 1.4.3 - Um Folder – “Grande Futuro”

Cidade Brasnorte, no Mato Grosso, em plena floresta amazônica, já é uma realidade

Venha conhecer a Gleba Vale do Rio do Sangue e prepare-se para a última conquista de terras boas no Norte do Mato Grosso<sup>71</sup>

Ao nos depararmos com expressões como as que acabamos de ver, temos a sensação de algo fabuloso. Imaginemos então, para que possamos compreender o poder desta propaganda, um cidadão que passou a sua vida no campo, tendo como concepção de cidade um lugar cheio de recursos<sup>72</sup>, de movimentação financeira, de grande circulação de pessoas, vivendo um momento de angústia como foram os anos da década de 1970 para muitos moradores de regiões onde a agricultura passava por um processo de transformação e modernização. Um cidadão do Rio Grande do Sul, do Paraná, de São Paulo, de Santa Catarina ou de qualquer outro lugar de um Brasil cheio de conflitos políticos e sociais. Que vê suas técnicas de produção serem deixadas de lado a cada dia e sua capacidade de produção do sustento diário ser reduzida, que vê grandes proprietários comprarem tudo ao seu redor e encher de máquinas ao invés de animais para arar a terra, um cidadão acuado nas cidades e vendo seus poucos recursos esvaindo-se pela falta de trabalho e oportunidades.

A Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda, tinha noção de tudo isso e tirou proveito da situação, intensificou sua propaganda do Projeto Vale do Rio do Sangue através de um folder contendo fotografias coloridas, diferentes das fotografias da reportagem

<sup>70</sup> CARDOSO, Fernando Henrique e MULLER, Geraldo. *Amazônia: expansão do capitalismo*. Brasília: Brasiliense. 1977. p-109-137

<sup>71</sup> Folder distribuído pela Colonizadora Brasnort, impresso por J.S. Impressora – Cascavel - PR.

<sup>72</sup> Considerando que recursos dizem respeito a médico, armazém, banco e outros serviços existentes em uma cidade.

da Folha de Londrina. As imagens coloridas foram usadas para demonstrar que Brasnorte era uma realidade e em pouco tempo já tinha aspecto de cidade, o olhar do alto constrói esta representação, as toras já estavam cortadas e as grandes árvores eram mostradas com orgulho, gado, café, viveiro de mudas, informações técnicas da região respaldavam todo o conteúdo das propagandas anteriores, de fato era uma propaganda bem elaborada, um folder onde as palavras que mais chamam a atenção são, “certeza, grande e futuro”, mais abaixo uma fotografia, de um rio, não identificado, pelo nome do projeto sugere ser o Rio do Sangue<sup>73</sup>, no entanto, o Rio Juruena tem característica semelhante e um número bem maior de ilhas, ambos vistos de cima são grandes, tem em suas águas várias espécies de peixes, e a mata às suas margens parece ser tão alta que esconde inúmeras riquezas prontas para serem exploradas.

Ao abrir o folder, vemos diversas fotografias, uma cidade erguida no meio da mata, com ruas largas, várias casas, imagens de riquezas naturais como árvores enormes e toras extraídas da mata, onde se faz questão de mostrar as medidas, criação de bovinos, plantação de café sugerindo uma terra própria para o seu plantio, reafirmando esta colocação com a apresentação de um viveiro onde se pode ler na legenda “*Viveiro, com capacidade de 1 milhão de mudas*”, novamente a cidade, numa imagem que sugere espaço para muita gente, finalizando com a gravura de um mapa mostrando a localização do Vale do Rio do Sangue e como se faz para chegar a partir de Cuiabá – MT<sup>74</sup>.

Este folder não tem data identificando o ano de produção, e ao confrontar as fotografias com o relatório nº. 02/79 da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda.<sup>75</sup>, no seu item nº. 07 podemos afirmar que as fotografias são do ano de 1979 e que a documentação pode ter sido produzida no início da década de 1980 como forma de aumentar as vendas das terras do projeto Rio Vale do Rio do Sangue, uma vez que o mesmo item fala de 41 casas na área urbana e 17 na área rural. O detalhe que relaciona os documentos é a área destinada à escola local, área que aparece no canto superior da fotografia da primeira página do folder, toda cercada e que ocupa o espaço de uma quadra, ou seja, 10 terrenos de 20 X 40, num total de 8.000 m<sup>2</sup>. O espaço é identificado como escola pela entrevista do Sr. Silvío que nos diz: “*A colonizadora deixou construída na verdade apenas duas salas da Escola Estadual*

---

<sup>73</sup> Rio da Bacia amazônica tem sua nascente no município de Campo Novo do Parecis, é um dos afluentes do Rio Juruena, e ambos são delimitadores de divisa do atual Município de Brasnorte.

<sup>74</sup> Folder de propaganda produzido pela Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda., sem data. J.S. Impressora – Cascavel – PR.

<sup>75</sup> Relatório nº02/79 do escritório local da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda.



*e doou juntamente com a quadra de esportes, aquela quadra onde está localizada a escola estadual no dia de hoje*<sup>76</sup>.

O entrelaçamento das fontes é um exercício historiográfico necessário para a sua compreensão, não para produzir uma verdade pronta e acabada, mas, o entrelaçamento servirá para a fundamentação de nossas argumentações a partir de um olhar que temos no instante que estamos analisando as fontes e buscando a compreensão dos movimentos da história.

Questionar o documento é decisivo para a interpretação do material pesquisado, o documento por si só demonstra o fato, mas, o questionamento dá a devida importância ao fato, dando início ao processo de construção da história. Demonstrando a importância das fontes, Mary Del Priore argumenta:

O historiador efetua um trabalho sobre as marcas e os restos para reconhecer os fatos[...] Compreende-se melhor o que é um fato histórico: ele é o resultado do raciocínio feito a partir de restos e indícios, segundo as regras da crítica. [...] O problema tem um lugar decisivo na construção da história. A história não se define pelo seu objeto, nem pelos documentos que lhe permitem reencontrar o fato, mas pela pergunta, o problema que é colocado aos documentos<sup>77</sup>.

Na busca de novas possibilidades, o historiador terá sempre uma relação estreita com as fontes, ao pesquisá-las, ele irá colocar um pouco de si, suas experiências, conceitos, idéias e sentimentos, dos outros, utilizando-se das fontes para dar ênfase ao seu discurso e corroborar com suas idéias.

#### **1.4.4 - A Localização do Projeto Vale do Rio do Sangue**

O projeto da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda. estava localizado entre os rios Rio do Sangue e Rio Juruena<sup>78</sup>, parte do então município de Diamantino no recém dividido Estado de Mato Grosso que cedeu parte do seu território ao novo Estado Mato Grosso do Sul, através da Lei Complementar nº. 31 de 11 de outubro de

<sup>76</sup> KEMPA, Silvio, Em entrevista para o autor. Brasnorte, 27 jan. 2007.

<sup>77</sup> PRIORE, Mary Del. Fazer História, interrogar documentos e fundar a memória: a importância dos arquivos no cotidiano do historiador. In, UFMT. Universidade Federal do Mato Grosso. *Territórios e Fronteiras*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Mato Grosso, vol, 3 n.1 jan -jun/2002 – Cuiabá-MT: Ed. UFMT. p. 9-20

<sup>78</sup> O Rio do Sangue é afluente do Rio Juruena e ambos estão localizados na Bacia Amazônica. Tanto o Sangue quanto o Juruena, tem suas nascentes no Chapadão dos Parecis. Fazem as divisas da direita e da esquerda do Município de Brasnorte até a sua confluência.

1977. O governador do Estado na época era José Garcia Neto segundo Siqueira<sup>79</sup>, a divisão do Estado foi o fato que mais marcou a sua administração, o assunto já era tema de discussão há décadas e em 1977 por decisão do presidente Ernesto Geisel foi imposta a população<sup>80</sup>.

O Projeto para a futura cidade de Brasnorte estava localizado entre dois grandes rios, Rio do Sangue e Rio Juruena, numa extensa área de terras chamada Gleba<sup>81</sup> Santana. Segundo o folder da colonizadora, podia-se chegar ao Projeto de duas formas a partir de Cuiabá, uma de avião e outra por via terrestre, este por dois caminhos, um indo até Diamantino, daí em diante seguir pela BR 364 até o que chamavam de entroncamento<sup>82</sup>, confrontação da BR 364 e rodovia MT-170, virando a direita e seguindo pelo Chapadão dos Parecis até Brasnorte, o segundo caminho era via Tangará da Serra, daí seguia em diante subindo a Serra dos Parecis, passando pelo mesmo entroncamento até Brasnorte.

Em geral, os projetos de colonização foram construídos às margens de rodovias. No início da década de 1970, o Governo Federal lançou o chamado PIN - Plano de Integração Nacional, com o objetivo de ocupação da Amazônia. Dentro desse plano, criou duas grandes rodovias com esta finalidade e reservou às suas margens uma faixa de 10 km para a chamada ocupação de “espaços vazios<sup>83</sup>”, ampliando esta faixa posteriormente para 100 km, seriam áreas destinadas a assentamentos de pequenos produtores rurais<sup>84</sup>.

Ianni mostra que a sistemática de colonização da Amazônia, com o intuito de aliviar as “tensões sociais<sup>85</sup>” presentes nos locais mais populosos do país, atingidos pelo êxodo rural e conseqüente urbanização, foram construídas estradas cortando a floresta amazônica, entre elas

<sup>79</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas; 2002. p.224

<sup>80</sup> Ib. ibid. p. 208

<sup>81</sup> IANNI, Octavio. *Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 34. O autor comenta que a colonização oficial foi padronizada nos seguintes termos. Localiza-se às margens direita e esquerda das rodovias, numa extensão de 10 quilômetros de cada lado. Essas terras são divididas em glebas com cerca de 400 metros de frente para a rodovia e 2500 metros de fundo, sempre ladeadas por estradas vicinais, para uso dos colonos inicialmente. Cada gleba é dividida em lotes de 100 hectares cada um. Em geral os lotes são vendidos aos colonos ou parceiros, pelo INCRA, para serem pagos ao longo de um período de até 20 anos. No caso Brasnorte, a administradora de imóveis utilizou uma dessas glebas para o seu projeto, por ser particular nem sempre seguia as mesmas especificações no que diz respeito a vias de acesso, quando muito abriam uma estrada de acesso ao local escolhido para a área a ser colonizada. As condições de pagamento também não eram como as do INCRA, isso seria lucro a longo prazo, e ao contrário do Governo Federal que tinha como objetivo a (re) ocupação da Amazônia, as empresas colonizadoras particulares visavam lucros em no máximo a médio prazo. Em uma correspondência de Theofilo Kempa Neto ao seu irmão Silvio Kempa, de setembro de 1979 ele cita: “o negócio feito com a Brasnorte foi fechado nas seguintes condições, 60 e 90 dias para a entrada e o restante nas mesmas condições das outras (duas chácaras compradas anteriormente)”.

<sup>82</sup> Ver imagem do Folder onde consta mapa de acesso.

<sup>83</sup> Autores como, Siqueira (2002) Oliveira(2004), Canova(2003), Pivetta(1993) entre outros, demonstraram em trabalhos anteriores a existência de povos indígenas na região, desta forma, utilizamos apenas o termo para expressar a visão governista à respeito da Amazônia.

<sup>84</sup> SIQUEIRA, op.cit. p.228-240.

<sup>85</sup> IANNI, op. cit p. 47

a Cuiabá-Santarém e a Transamazônica, estradas que representariam corredores de colonização no Brasil, fariam a integração nacional desejada pelo Governo Federal<sup>56</sup>.

Brasnorte está além destes 100 km reservados para colonização, eram terras pertencentes a particulares, não estava às margens de uma rodovia, era preciso abrir uma estrada para chegar até o Vale do Rio do Sangue. A Rodovia federal mais próxima era a BR-364 que dava acesso a Vilhena e depois Porto Velho, ambas as cidades em Rondônia.

O Sr. Haias em entrevista contou que no ano de 1977, ele e mais alguns companheiros, vieram de avião até a fazenda Cravari, dali vieram até o rio Honorato, pela mata, onde atravessaram sobre um tronco derrubado por eles, tiraram o rumo e começaram a abrir a picada para a estrada de acesso ao projeto. Quando chegaram ao ponto chamado 21 de abril, foram olhar o ponto final, encontraram na área onde seria a cidade madeira de lei. Comunicaram a administração da colonizadora que determinou a mudança de rumo das picadas e o local para a cidade. Em seguida o Sr. Ângelo Vicari abriu a estrada com tratores de esteira, seguindo o rumo marcado pelas picadas<sup>86</sup>.

Silvio Kempa relata o seguinte:

Ela (estrada) era diferente, até um ponto ele ta no mesmo traçado que o de hoje, mais ou menos ali onde esta localizado o armazém da Maggi, ele seguia em frente e ia, a estrada ia chegar ali nos índios, na reserva dos índios Myky, quando então entrava a direita uns 40 quilômetros pra chegara aqui em Brasnorte. Esse traçado, ele foi mudado já em 1982 por causa da, motivo da eleição para governador do estado, também de deputado e senador, a comunidade brasnortense se movimentou através da comissão representativa que havia sido formada aqui na cidade, e colocou em mãos do então candidato (ao governo) Julio Campos, o pedido para que esse traçado fosse mudado, que é o traçado atual<sup>87</sup>.

Como podemos observar, o interesse econômico sobrepuja-se ao projeto inicial, a ponto de mudar o local da cidade para poder aproveitar a madeira.

No entanto, o espaço não era “vazio”, mesmo que a área destinada ao Projeto Vale do Rio do Sangue fosse de particulares, tivessem donos, os primeiros ocupantes da região foram esquecidos.

Rondon refere-se aos Iranxes no relato da expedição ao Juruena, reconhecendo a existência de um quarto grupo Paresí ainda muito arredio, tendo os primeiros contatos com a comissão telegráfica no ano de 1907<sup>88</sup>. Também Piveta<sup>89</sup>, utiliza uma fonte documental de

<sup>86</sup> LIMA, Haias Caíres de. Entrevista para o autor em 30 abr. 2007.

<sup>87</sup> KEMPA, Silvio. Entrevista para o autor em 27 jan. 2007. Grifos meus

<sup>88</sup> ALBUM GRÁFICO do Estado de Matto Grosso (EEUU do Brasil). Corumbá/Hamburgo, Ayala & Simon Editores, 1914., p.384.

<sup>89</sup> PIVETA, Darci Luiz, e BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Iranxe: luta pelo território expropriado*. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: Editora UFMT, 1993. p.41-42

João Salustiano Lyra para comprovação da presença do povo Iranxe na região do Rio Cravari, o documento citado por Piveta indica que parte da expedição de Rondon ao rio Juruena, encontrou vestígios de índios nas cabeceiras do córrego Membeca e às margens do Rio Cravari, relata que os antigos caminhos indígenas eram naquele momento estradas seringueiras<sup>90</sup>.

Ainda na obra de Piveta podemos encontrar referência a mais dois grupos indígenas que ocupavam a região hoje pertencente ao município de Brasnorte, os Manoky/Myky<sup>91</sup> e os Rikbaktsa<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup> PIVETA, op. cit. p.85 - 93.

<sup>91</sup> ARRUDA, Rinaldo S.V. *Manoki*. Instituto Socioambiental. São Paulo Maio, 2003. disponível em <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/manoki/manoki.shtm>>. acessado em 12 jun. 2007. Manoki é como se autodenominam os índios mais conhecidos como Irantxe, cuja língua não tem proximidade com outras famílias lingüísticas. Sua história, contudo, não é muito diferente da maioria dos índios no Brasil: foram praticamente dizimados em decorrência de massacres e doenças advindas do contato com os brancos. Em meados do século XX, a maior parte dos sobreviventes não viu alternativa senão viver em uma missão jesuítica, responsável por profunda desestruturação sócio-cultural do grupo. Em 1968, os Manoki receberam do governo federal uma terra fora de sua área de ocupação histórica, cujas características ambientais inviabilizaram o uso tradicional dos recursos. Destino um pouco diverso teve os Myky, grupo manoki que se manteve isolado da sociedade nacional até 1971. Desde então, passaram a sofrer igualmente as consequências do cerco da especulação imobiliária em seu território. Atualmente ambos grupos estão reivindicando a ampliação de suas terras. Os Manoki localizam-se em duas Terras Indígenas no oeste do Estado do Mato Grosso, ambas pertencentes ao município de Brasnorte: a TI Manoki, na região do rio Cravari, e a TI Myky, às margens do rio Papagaio. A primeira possui seis aldeias: Paredão, Recanto do Alípio, Perdiz, Asa Branca, Treze de Maio ou Aldeia do Maurício e a maior delas, Cravari.

<sup>92</sup> \_\_\_\_\_. *Rikbaktsa*. Instituto Socioambiental. São Paulo. Novembro, 1998. disponível em <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/rikbaktsa/rikbaktsa.shtm>>. acessado em 12 de jun.2007. Os Rikbaktsa, conhecidos como "Orelhas de Pau" ou "Canoeiros" tidos como guerreiros ferozes na década de 1960, enfrentaram um processo de depopulação que resultou na morte de 75% de seu povo. Recuperados, ainda hoje impõem respeito à população regional por sua persistência na defesa de seus direitos, território e modo de vida. Rikbaktsa vivem na bacia do rio Juruena, no noroeste do Mato Grosso, em duas terras indígenas contíguas: a TI Erikpatsa, demarcada em 1968 (com 79.935 ha, homologada e registrada), a TI Japuira, demarcada em 1986 (com 152.509 ha, homologada e registrada), e numa terceira terra indígena, a TI do Escondido demarcada em 1998 (com 168.938 ha, homologada), mais ao norte, na margem esquerda do rio Juruena, totalizando um território de 401.382 hectares de mata amazônica.

## 2.0 - O PROJETO VISTO DE BAIXO

### 2.1 – conhecendo o projeto

Era mato, não tinha tantas casas assim, tinha no meio do mato que hoje são quadras com casas tinha uma brecha lá e um barraco de lona preta, pessoas lá tentando abrir, tentando limpar, tinha construída duas casas do senhor Luiz que era a pensão, tinha uma outra na frente, onde e a residência dos policiais hoje(2007), a residência do senhor Antonio Papadiuk, tinha do senhor Domingos Passamani, tinha o hotel<sup>93</sup>.

Mal amanheceu e o novo morador de Brasnorte encontrava -se de pé, estava curioso para saber onde seria o terreno para a construção de sua futura casa. Aos poucos foi se inteirando do lugar, o êxtase da chegada já se dissipara, uma outra realidade se punha diante de seus olhos. As ruas encontravam -se traçadas, porém, a floresta ainda resistia nas quadras destinadas as moradias. As poucas casas eram espalhadas, uma aqui e outra acolá. Alguns barracos de lona, barulho de moto serra, o som cadenciado do machado na madeira. Um barulho maior, mais uma árvore no chão.

Pouco a pouco a cidade ia se desenhando, redesenhando a paisagem, dando a floresta um aspecto de desenvolvimento, de civilização.

Para cada área de terra adquirida, o comprador tinha direito a um terreno na cidade<sup>94</sup> ou mais de um, dependendo da negociação<sup>95</sup>. Uma estratégia de comércio semelhante ao ocorrido em Tangará da Serra, onde segundo Carlos Edinei de Oliveira<sup>96</sup>, tinha como objetivo transferir a responsabilidade de realização e manutenção da infra-estrutura para o poder público. Segundo o autor, essa idéia pode ser verificada em outros trabalhos relativos a colonização, e devido ao rápido crescimento urbano a emancipação política logo ocorreria, tirando o ônus das empresas colonizadoras<sup>97</sup>.

Brasnorte seria uma cidade planejada, o projeto inicial recortava a mata no formato de um retângulo, suas ruas foram esquadrihadas com 20 metros de largura e as avenidas com 40 metros. O projeto apresentava cinco praças, uma, central e outras quatro, uma em cada

<sup>93</sup> KEMPA, Silvio. Entrevista para o autor em 27 jan. 2007. grifos meus

<sup>94</sup> LIMA, Haias Caíres de. Entrevista para o autor em 30 abr. 2007.

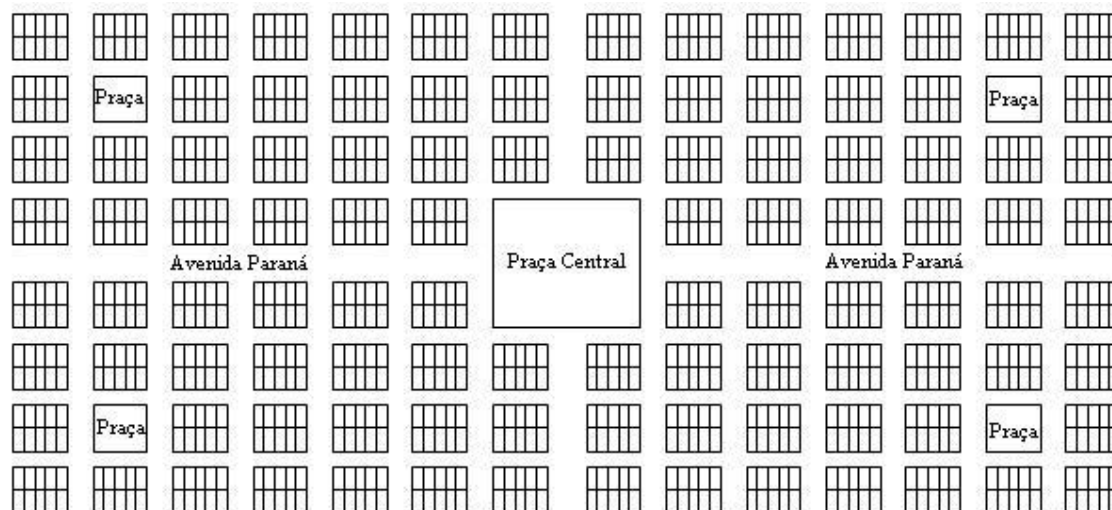
<sup>95</sup> KEMPA, Silvio. Entrevista para o autor em 27 jan. 2007 afirma: A prática de doar um terreno na cidade incentivava a os moradores, servia como um adicional no negocio das terras e garantia a ocupação da cidade. Formando desta forma núcleos urbanos e rurais ao mesmo tempo.

<sup>96</sup> OLIVEIRA, Carlos Edinei de. *Famílias e natureza: as relações entre famílias e ambiente de colonização de Tangará da Serra – MT*. Tangará da Serra: Sanches, 2004. p.79

<sup>97</sup> Id. Ibid. p.79

quadrante formado pelo desenho das avenidas. O desenho abaixo, apresenta um esquema de como era o Projeto Original da cidade.

*Figura nº 02*  
*Esquema da planta da cidade*<sup>98</sup>



Fonte: Prefeitura Municipal de Brasnorte

Aos arredores foram dispostas as chácaras, áreas menores, de até 10 alqueires e, conforme ia aumentando a distância da cidade, maiores seriam os lotes de terras.

Quando as pessoas chegavam, construíam um barraco de lona, até que pudesse construir uma moradia mais elaborada, de madeira serrada<sup>99</sup>. A madeira para as primeiras casas construídas foi trazida de balsa pelo Rio do Sangue<sup>100</sup>, vinha da serraria do Sr. Corteze, proprietário de fazenda na região que havia montado uma serraria para explorar a madeira antes do plantio de pastagens para a criação de gado.

As casas eram construídas de forma simples, algumas construções eram um pouco mais elaboradas. A dificuldade de se encontrar materiais para construção se dava devido ao

<sup>98</sup> Este desenho foi montado a partir do mapa original da cidade. Feito desta forma por não ter sido possível a digitalização do original

<sup>99</sup> O tipo de construção mais comum era uma casa em formato retangular, às vezes com um puxado ao lado como se fosse uma área. A base das casas eram também de madeira, no perímetro da construção, fixavam-se tocos de madeira resistente, geralmente itaúba, (*Mezilaurus itauba*) onde se fixavam vigas que dariam sustentação para a casa e o assoalho era pregado em cima dessas vigas. As paredes eram feitas de tábuas brutas, recém cortadas, devido a abundância de madeira, geralmente as tábuas tinham entre 25 e 30 cm de largura. O telhado era de telhas de cimento amianto, quando não eram de folhas de zinco ou lona preta. Poucas as construções possuíam alguma parte em alvenaria, um luxo para quem as possuía. Devido a dificuldade de transporte e por não encontrar produtos para construções em alvenaria no local, ter uma construção nestes moldes se tornava um luxo.

<sup>100</sup> KEMPA, Silvio. Entrevista para o autor em 27 jan. 2007.

isolamento do local. Telhas, pregos, ferramentas e outros materiais vinham de Tangará da Serra ou Cuiabá.

A empolgação da chegada, fazia pensar que era possível ter uma casa em pouco tempo, segundo a correspondência do Sr. Silvio Kempa, em uma de suas cartas para sua esposa, *se quiser a casa sai em 1 semana e custará cerca de 20.000,00(cruzeiros), medindo 6x8m<sup>2</sup><sup>101</sup>*. Creio que julgava assim pela quantidade de madeira vista no caminho para Brasnorte, a carta foi escrita no dia da chegada e devemos considerar o calor do entusiasmo com a nova terra.

A análise pode ser feita ao confrontarmos a carta com a entrevista de 27 de janeiro de 2007 onde, a mesma pessoa afirma quando questionado de como eram feitas as casas:

A maioria de madeira, de madeira serrada na serraria do Bianchini, e a partir de outubro ou novembro de 1979 na Madeireira Laurentina que hoje é a Madeireira Brasnorte, eram as duas que tinham aqui, ou as primeiras casas que foram construídas acho que foi a do Sr Domingos Passamani, que hoje pertence ao Sr. Lili Coelho, a madeira foi trazida lá da serraria do Cortese, a madeira foi trazida pela balsa do rio do sangue, vinha lá de baixo, assoalho, forro<sup>102</sup>.

Na pergunta seguinte, a respeito de um companheiro que ele sempre cita em suas conversas, o qual foi visto por ele serrando madeira para a construção de sua casa no traçador<sup>103</sup>, se tal atitude era por falta de madeira ou dinheiro ele responde:

Pelos dois motivos, primeiro porque o recurso dele era pequeno e segundo que a madeireira não dava conta de produzir a madeira suficiente pra todos que estavam aqui, quando a gente queria madeira, tinha que comprar a madeira, e ficar no pé da serra, e separando as tábuas que queria já pra poder trazer, senão esperava até uma semana, 10 dias pra pegar meia dúzia de tábuas<sup>44</sup>.

A reportagem de Hugo Seben<sup>104</sup> traz uma fotografia de alguns homens próximos a um monte de madeira e a legenda informando tabuinhas. Mostrar o feitio de tábuas para a construção da própria casa, representa estar em um lugar onde a natureza tem condições de suprir todas as necessidades.

A foto abaixo, mostra os homens em volta da pilha de tábuas prontas, alguns exibindo o tamanho das peças. Pode-se perceber o homem no centro, segurando uma peça na mão direita e apoiando-se sobre outra com a mão esquerda. Hugo Seben, fotógrafo e autor da

<sup>101</sup> KEMPA, Silvio. Carta para Maria Teresa. 08 ago. 1979. manuscrita

<sup>102</sup> Entrevista com Silvio Kempa. 27 jan. 2007. Entrevista com Haias Caíres de Lima. 30 abr. 2007.

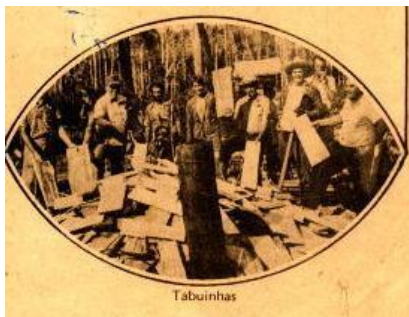
<sup>103</sup> Segundo FERREIRA, op. cit. dicionário. traçador é um serrote grande de lamina elíptica. De meu conhecimento é ferramenta manual utilizada para cortar árvores e posteriormente recortá-la, para sua utilização são necessárias duas pessoas.

<sup>104</sup> SEBEN, op. cit. p.9.

reportagem, explora bem a imagem e valoriza o fato mostrando-o como grandioso. A posição dos homens ao redor deixa explícita a intenção de mostrar que a madeira existente na região tem várias serventias.

*Figura nº 03*

*Tabuinhas para Telhado – 1979*



Fonte: SEBEN, op. cit. p.9

A foto quando colocada no jornal, sugere a facilidade com que as pessoas se “ajeitam” no lugar. Denota a facilidade de se suprir a falta de materiais existentes na região. Em momento algum o autor fala de um uso temporário de tabuinhas, ao contrário, fala em seu texto de madeira serrada e apresenta fotografia de madeira lascada.

Podemos considerar que o desejo de uma nova vida, num lugar que prometia enriquecer quem para cá viesse, fazia os “colonos” pensarem nas “coisas” acontecendo rapidamente. O desejo de ter uma vida melhor, fazia superar ou esquecer, mesmo que momentaneamente, os percalços do caminho.

Brasnorte era um projeto de cidade, só um projeto, seus primeiros moradores esperaram um bom tempo para ver as coisas acontecerem, havia madeira, mas não havia como industrializá-la de forma rápida como se esperava.

O repórter Hugo Seben em tom animador afirma: *para fazer a casa, só faltam pregos – madeira, serrote e martelo já tem por lá... carpinteiros ao faltam*<sup>46</sup>. De fato, madeira não faltava, nem serraria, no entanto, antes de construir a casa, o “colono” tinha de abrir a propriedade rural e o terreno na cidade, a Empresa Colonizadora apenas fez o traçado das ruas e demarcou os lotes urbanos e rurais. Até que se construísse uma moradia melhor, poderiam ter se passado semanas, um tempo precioso em uma terra cheia de trabalho a ser feito.

Devemos ainda considerar que as madeireiras locais não pensavam só na população local, seu objetivo claro<sup>105</sup>, caso contrário não teriam se instalado na região, era a obtenção de

<sup>105</sup> GOMES, Dirce Maria Solano, et. Al. *A influência da Madeireira Brasnorte na colonização do Município de Brasnorte – MT*. 2003. (Seminário Temático de Ciências Sociais). Trabalho de Graduação. Núcleo de Educação Aberta e a Distância do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT; Afirma que: *Atraídos pelas propagandas feitas pela televisão, falando sobre solo fértil, madeira de lei, preço acessível das*



lucros com a farta quantidade de madeira. Na documentação pesquisada, pode-se ver indícios de seus objetivos, em carta escrita no dia 12 de agosto de 1979, Silvio Kempa afirma:

Ontem fomos ver a madeira na serraria e tentamos trocar por toras. Não dá, pois o dono lá quer 2.500,00 p/m<sup>3</sup> e dá pelas toras 100,00 p/m<sup>3</sup>. Isso mesmo 100,00 (cem cruzeiros)<sup>106</sup>.

A maior dificuldade, era a de trazer as toras do mato e de escoar a madeira serrada para centros maiores a fim de ser comercializada. Com isso, as madeireiras tinham por prática armazenar a madeira serrada no período das chuvas e escoar a produção no tempo da seca<sup>107</sup>. Se por um lado isso era uma dificuldade, por outro, servia para a valorização do produto extraído da floresta aumentando ainda mais os lucros obtidos<sup>108</sup>.

O sonho maior não era ter uma casa de madeira, era o de ter um lar, *O desejo de ter uma vida melhor, mais ampla, com maiores possibilidades do que aquela que nos tínhamos...Havia a possibilidade de um crescimento porque numa cidade que esta em formação as oportunidades se apresentam*<sup>109</sup>. Esse sentimento desperta o desejo de uma vida melhor, mais próspera, uma vida na qual se pudesse ter o melhor que o dinheiro possa comprar.

Brasnorte prometia isso e em busca disso que muitas pessoas vieram para cá, em alguns casos, os salários eram bem superiores ao que se ganhava em outras regiões, como no caso da Madeireira Laurentina que pagava dez salários mínimos para quem estivesse disposto a enfrentar o Mato Grosso junto com os donos em seu projeto de expansão comercial<sup>110</sup>.

A construção do lar em um lugar desconhecido, passou por vários momentos de dificuldade. No limiar da colonização de Brasnorte, havia um jogo de interesses versus o desejo de pessoas interessadas numa vida mais promissora. O contexto brasileiro da época favorecia a implementação de projetos de ocupação de “espaços vazios” na Amazônia, no

---

*terras, os proprietários da Madeireira Brasnorte, chegaram aqui no ano de 1979 com a intenção de expandir seus negócios para Mato Grosso. E ainda: Como não havia, nesta época nenhum órgão fiscalizador, o transporte da madeira era livre e assim, eram levadas para Santa Catarina. Portanto, os lucros obtidos pela extração da madeira eram destinados a maior parte para investimentos em outro estado. A madeireira citada é segundo as entrevistas realizadas, a segunda a ser montada no local, é evidente a sua influencia no processo de (re)ocupação de espaços.*

<sup>106</sup> KEMPA, Silvio. Carta para Maria Teresa, manuscrita em 12 ago.. 1979.

<sup>107</sup> GOMES, et. al. op.cit. p. 19

<sup>108</sup> A priori, não tenho a intenção de fazer aqui uma discussão sobre o assunto. Estrutura fundiária e extração vegetal são temas correlacionados, necessitam de pesquisa específica. Devido a complexidade das tramas que envolvem o comércio e exploração de terras e floresta da região de floresta brasnortense, optamos para num momento futuro abordar tais questões

<sup>109</sup> KEMPA, Silvio em entrevista para o autor em 27 jan. 2007.

<sup>110</sup> GOMES, et. al. p.20.

entanto, esse mesmo contexto favorecia empresas capazes de ludibriar pessoas, famílias inteiras, para atingir o principal objetivo comercial, o lucro.

Talvez as marcas deixadas ao longo de anos seguidos, me façam responsabilizar a colonizadora pelos problemas enfrentados pelos moradores de Brasnorte, no final da década de 1970 e início dos anos 1980. Por outro lado, as pessoas deixaram-se levar por uma propaganda que não expressava a realidade, alimentaram-se de ilusões, encheram-se de desejos, fecharam os olhos para algo que estava claro diante de cada um.

A medida que os dias se passavam e as provisões que cada um trazia consigo se acabavam, os moradores davam-se conta das dificuldades que passariam.

Pelas propagandas, alimentos não faltavam, havia rios piscosos e uma floresta cheia de animais para a caça, no entanto, a alimentação não se baseia apenas em caça e pesca, são necessários outros mantimentos como arroz, feijão, óleo de soja ou banha de porco, assim como outros alimentos que servem de complemento alimentar.

A oferta de produtos no local não atendia a todas as pessoas, a maior parte dos alimentos vinha de fora, a agricultura local ainda era pouco desenvolvida. Os moradores que tinham vindo para Brasnorte no intuito de produzir alimentos para sua sobrevivência e também para vender, não faziam idéia de como produzir em uma terra como a do Mato Grosso, pensavam ser como no Paraná. Além disso, existe um intervalo entre tirar a floresta e começar a plantar, e ainda mais, esperar a colheita. Vejamos o que diz o Silvio Kempa:

...chegamos aqui com uma idéia equivocada, de plantar tudo que se plantava no sul, da maneira que plantava lá, as coisas aqui eram e são diferentes, nos chegamos aqui não tinha uma fruta sequer, não tinha abacaxi, não tinha mamão, melão, manga não tinha, nada disso aqui, mandioca não havia, tanto é que as primeiras que foram plantadas foram a partir de agosto, setembro, quando vieram as primeiras chuvas de daquele ano de 79, foram plantadas, eu me lembro que nos apanhamos eu creio que em novembro, nos apanhamos lá no Perobal no sítio do Gentil Borges, nos apanhamos umas espigas de milho e algumas abóboras, que ele tinha na lavoura, nós trouxemos, pra variar a nossa alimentação. O mercado trazia, mas não eram suficientes, verduras e frutas eram poucas que traziam porque estragavam muito rápido, tinha aqueles alimentos não perecíveis, arroz, feijão, sardinha leite condensado, café, havia um peixinho chamado manjuba, muitos hoje não podem nem ouvir falar em manjuba que repugna<sup>111</sup>.

Além de não haver condições de plantio tão logo se chegasse, os estabelecimentos comerciais existentes davam prioridade para produtos não perecíveis. Alguns produtos

---

<sup>111</sup> KEMPA, Silvio em entrevista para o autor em 27 jan. 2007.

vinham nos aviões das companhias de Táxi Aéreo que faziam linhas semanais de Brasnorte a Cuiabá<sup>112</sup>.

*Figura nº 04*  
*Mostrando o resultado da pescaria*



Fonte: Acervo Silvio Kempa

*Figura nº 05*  
*Depois de uma caçada*



Fonte: Arquivo Mad. Brasnorte.

Considero que a escassez de produtos alimentícios é um problema natural em regiões distantes de centros comerciais, por mais que se tenha no local uma pequena venda ou um mercado de maior porte, este não terá condições de fornecer todos os produtos. Existem outros fatores relacionados ao abastecimento, os hábitos alimentares e os meios de produção forçam a necessidade de estradas e meios de comunicação para industrialização dos produtos primários.

Há de se levar em conta os hábitos alimentares de cada um. Pessoas de diversas regiões trazem consigo uma bagagem cultural, e com ela gostos, preferências, costumes alimentares ou meios de produção diferenciados. A soma de várias culturas faz surgir num determinado espaço elementos que se confundem em sua origem.

Octavio Ianni, comentando expansão capitalista através de empreendimentos na Amazônia, financiados pelo Governo Federal e de suas práticas para atrair a grande massa de trabalhadores da região nordeste e de outras partes do país como forma de ocupar os “espaços

<sup>112</sup> LIMA, Haias Caíres de. Entrevista para o autor em 30 abr. 2007. afirma: feijão, vinha de avião pra nós, feijão, fumo cigarro..... .O Sr. Irineu Boufler, entrevistado por GOMES, et al, em 2003 afirma: ...esperava vir comida de fora, enquanto isso, caça e pesca.

vazios” afirma: *As populações excedentes do Nordeste e inclusive dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, passaram a buscar as terras da Amazônia*<sup>113</sup>.

A origem das pessoas faz a variedade de costumes existentes na região. Num processo migratório composto de pessoas de diversas regiões do país construirá um mercado consumidor exigente na variedade de produtos e, em contrapartida, irá remodelar os costumes da população local<sup>114</sup>, fazendo com que gaúchos e nordestinos, se misturem, a paulistas e mineiros não sendo perceptível nesse momento à formação de uma identidade própria, tida como brasnortense.

Na pluralidade desse contexto, devemos considerar a presença da mulher na (re)ocupação dos espaços. Prado afirma que “*além de esposas eram companheiras, parceiras, auxiliaadoras e além das tarefas diárias, ainda tinham os filhos e maridos de quem tratar, além da cozinha e roupa que deveriam manter limpas*<sup>115</sup>”.

Na construção dos espaços, homens e mulheres se dividem nos trabalhos, seja no campo ou na cidade, dependendo do movimento sazonal das culturas no campo, homem e mulher têm o mesmo valor em relação ao trabalho, à mulher soma-se aos afazeres domésticos a ajuda na força de labor, deixando assim sua condição de frágil para fazer parte do conjunto de mão obra capaz de produzir ou tomar parte na produção<sup>116</sup>.

Em Brasnorte não ocorreu diferente, era trabalho das mulheres, além dos afazeres domésticos, quando na zona rural, o cuidado com os animais mais próximos da casa, como vacas de leite, galinhas, porcos, e também a manutenção do terreiro e ainda, auxiliar na abertura da terra e manutenção geral da propriedade, seja no plantio ou na colheita<sup>117</sup>.

<sup>113</sup> IANNI, op.cit. p. 11 – 19.

<sup>114</sup> Consideramos aqui a tese de Turner discutida anteriormente onde: A fronteira permite que os colonos busquem novas condições de vida nas terras livres, o que é um incentivo para o espírito de iniciativa e para a defesa da igualdade de oportunidades. A dinâmica do processo não é explicada apenas pelas oportunidades abertas pela terra livre, mas também, porque o homem da fronteira, ao buscá-las, entra em contato com a simplicidade da sociedade primitiva, sendo obrigado a se adequar aos padrões nativos em relação com a natureza. A partir da adaptação a padrões primitivos, são desenvolvidas novas técnicas de trabalho, valores e padrões de sociabilidade, inclusive recuperando sua bagagem e/ou estoque cultural. Isso demonstra que pela teoria Turneriana, o migrante volta a um estágio primitivo de civilização e após a adequação ao meio em que vive retoma o seu ímpeto a civilização, utilizando para isso o saber acumulado durante gerações.

<sup>115</sup> PRADO, Luciana Aparecida Pereira et. al. *O papel das mulheres pioneiras na colonização de Brasnorte*. 2003. (Seminário Temático de Ciências Sociais). Trabalho de Graduação. Núcleo de Educação Aberta e a Distância do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT;

<sup>116</sup> STADNIKY, Hilda Pívaro. Trabalho e expropriação em uma área de colonização recente: os discursos da diferença de gênero no cotidiano. In: UNICIÊNCIAS. Cuiabá: Unic, 1998. V. 2 *apud OLIVEIRA, Carlos Edinei de. Op.cit. .p. 125.*

<sup>117</sup> PRADO, et al. Op. Cit expressa essa condição onde; *O papel de dona de casa estava inserido num contexto mais amplo, num imenso universo de atividades que exigiam de muitas delas o exercício de funções que não lhes era comuns, tais como roçar mato, plantar arroz, ordenhar vacas, plantar café, auxiliar no enleiramento da paus para queimar e abrir áreas maiores para plantios ou, ainda desenvolver habilidades, que desconheciam pos-suir, auxiliar no orçamento de casa.* (grifos meus).

Estavam sempre presentes, sujeitas as mesmas alegrias e mazelas que o cotidiano do lugar oferecia aos que se arriscavam em uma nova vida.

Na zona urbana também não era diferente, as mulheres além de seu papel como donas de casa, auxiliavam o marido em seus afazeres. Podemos ver isso na carta de Silvio para Alexandre onde ele escreve: “*A Maria Teresa está muito bem de saúde e tem luta do um bocado para atender a casa, a lojinha e atender ao pessoal que nos procuram para fazer títulos eleitorais ou somente para um papo ou chimarrão*”<sup>118</sup>.

Ainda podemos ver a participação da mulher em atividades de interesse coletivo, como mostra a ata nº01/80 de uma reunião da Associação de Pais e Professores da localidade, que tinha como pauta o funcionamento de uma escola de 1º grau na região, identificamos a presença de quatro mulheres, de acordo com a assinatura dos presentes.

Margareth Rago, em *Do Cabaré ao Lar*, fala da *promoção de um modelo de feminilidade*<sup>119</sup>, a partir do início do século XX, não seria somente esposa, dona de casa, o afã do desenvolvimento industrial e comercial colocou a mulher num patamar diferente, ela faz parte agora de uma força de trabalho visível<sup>61</sup>. A mulher é desde então, um componente da estrutura familiar não só responsável pela reprodução, pela afetividade ou para a companhia do marido, ela passa a fazer parte da população participante dos movimentos de reestruturação dos modos de produção. Parte da força de trabalho disponível, também fazia parte do problema social brasileiro e, assim como os homens, tinham o desejo de uma vida melhor e estavam dispostas a enfrentar problemas e dificuldades a fim de verem seus sonhos realizados.

Em Brasnorte, isso se constituiu simultaneamente ao processo de (re)ocupação do território, algumas vieram junto com seus maridos, outras, vi eram depois, mas a maioria veio com o mesmo objetivo, ter uma vida melhor. Prado nos mostra em sua pesquisa que: *No anseio por melhores condições de vida, para si, os seus familiares enfrentavam qualquer situação, com a esperança e a certeza de que dias melhores viriam*<sup>62</sup>. E ainda:

Ao perguntarmos a elas o motivo que as trouxeram para cá, praticamente todas responderam que gostariam de melhorar a vida financeira. Isso se concretizou através da compra de seu pedaço de terra  
Sobre as vantagens dessa mudança vemos que elas tinham vontade de atingir um único objetivo que era ampliar o capital e amparar seus filhos<sup>120</sup>.

<sup>118</sup> KEMPA, Silvio. Carta para Seu irmão Alexandre datilografada em 27 ago. 1981. Consideremos ainda que a ocupação do Sr. Silvio Kempa naquele momento era a de preparador eleitoral na região, em entrevista ele mesmo afirma ter sido indicado pela Comissão representativa dos moradores para ocupar tal cargo.

<sup>119</sup> RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 61-63

<sup>120</sup> PRADO, et al. Op. Cit p.21

Ter um pedaço de terra satisfaria? Não a todas. A documentação, apresenta uma carta de Maria Teresa para seu esposo Silvio Kempa onde ela pede uma mudança de vida, algo diferente, pois considera uma regressão ao invés de terem alcançado algum progresso na vida.

O trabalho na roça era difícil, nem todos estavam acostumados ao ritmo de sol, calor, enxada, isso fica evidente quando Maria Teresa expressa seu sentimento quando diz: “*Silvio de um jeito de ajeitar algo para nós que não seja roça ... não viemos para cá só para termos capital*<sup>121</sup>”. A expressão, não significa um desmerecimento do trabalho braçal efetuado na roça. Quando ela fala: “*não viemos para cá só para termos capital*<sup>63</sup>”, expressa uma preocupação em relação aos objetivos para os quais se prepuseram e, até o momento não haviam alcançado. Tinham a terra, derrubaram a floresta, plantaram, colheram e passados mais de dois anos desde que havia chegado, e o que restava era o capital adqui irido.

No entanto, documento é insuficiente para argumentar a participação feminina no processo de colonização de Brasnorte<sup>122</sup>. Seria injusto com as esposas, mães, colonizadoras que vieram em busca de um sonho e muitas vezes permaneceram no local simplesmente porque amavam seus maridos, filhos e continuariam lutando, na esperança de que os sonhos um dia se realizassem. Despiram-se da vaidade, seus traços adquiriram uma beleza diferente, fortalecida pelo trabalho árduo do dia a dia onde precisavam carregar água para lavar e cozinhar, ajudar os maridos em casa e na roça, cuidar dos filhos e ainda ter uma preocupação com o desenvolvimento e o progresso de um local que oferecia o mínimo de condições para sobrevivência.

Montenegro diz que “*a construção de uma memória segue muitas trilhas, algumas vezes obedecendo às margens que o tempo lhe ofereceu, outras rompendo os limites e ocupando vastos territórios*<sup>123</sup>”. E se neste momento, sem ouvi-las, sem procurar entendê-las mais de perto, se eu tentasse tecer considerações ou levantar uma hipótese, estaria sendo machista, e ao invés de valorização de seu papel na construção dos espaços em Brasnorte, estaria simplesmente deixando-as de lado. Seria como se as colocasse num porta-retratos só para dizer que lembrei delas. Diante disto, deixo o espaço aberto para novas possibilidades de

<sup>121</sup> KEMPA, Maria Teresa Dolzan, carta para Silvio – manuscrita em 04 ago. 1982.

<sup>122</sup> A compreensão vai além do documento, há em mim um misto de memória e sentimentos, um gosto amargo de quem não compreende algo que sentiu na pele, impossibilitado de expressar por ser algo além da minha pesquisa atual. Posso compreender o motivo do desabafo, mas o excesso de sentimentalismo e a falta de fontes me fazem retroceder quanto na análise do papel da mulher.

<sup>123</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. Arquiteto da memória: nas trilhas do sertões de Crateús. In GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 309-333.

pesquisa, num momento posterior, para que seja feita uma leitura apropriada da participação da mulher na colonização de Brasnorte.

Mulheres, homens, crianças, presentes em um território em movimento. Um espaço escolhido pela empresa Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda. Dois lados, duas faces diferentes, um mesmo objetivo, dependentes um do outro, mas a parte da Colonizadora parou logo que os moradores aumentaram, que as terras estavam vendidas.

A colonizadora objetivava lucros com a venda das terras e, os colonos, lucros com a nova terra. Sonhavam produzir e enriquecer, explorar a floresta e obter lucros, ter uma vida diferente, mais próspera.

A empresa fez parte do que lhe cabia, demarcou as terras, os terrenos urbanos, vendeu, e deixou pronta para atender os moradores apenas uma parte da infra-estrutura mínima exigida pelo INCRA.

A colonizadora deixou construída na verdade apenas duas salas da Escola Estadual e doou juntamente com a quadra de esportes, aquela quadra onde está localizada a escola estadual no dia de hoje<sup>124</sup>. Havia problema de água, não tinha abastecimento de água, era precaríssimo, difícil, porque nos estamos, a cidade está localizada em cima de um espigão e as fontes de abastecimento estavam numa baixada, não havia luz elétrica conseqüentemente não havia motores para que se pudesse jogar água aqui numa caixa que foi construída onde é o destacamento policial hoje, então a cidade padecia desse problema de falta d'água<sup>125</sup>.

O abastecimento de água levou muito tempo para ser resolvido, a colonizadora limitou-se a levantar uma caixa d'água próxima a pensão, a distribuição limitou-se a um cano pela rua Iguaçu até a esquina com a rua Cáceres<sup>126</sup>. Era só um cano, e antes dele a alternativa eram os córregos próximos da cidade, onde as pessoas carregavam água em baldes por mais de mil metros.

Em um relatório do escritório da colonizadora, para a matriz, podemos ver o problema sanado parcialmente, como segue:

Água potável

Informamos, ainda, que desde o dia 03 do corrente a vila já dispõe de água corrente devidamente encanada. Claro está que apenas uma parte da vila residencial está sendo servida dentro das possibilidades, pois há dias em que o precioso líquido falta gerando um descontentamento geral<sup>127</sup>.

<sup>124</sup> AGRO PECUARIA DO CRAVARI S/A, Contrato de compromisso de Doação. 25 ago. 1980.

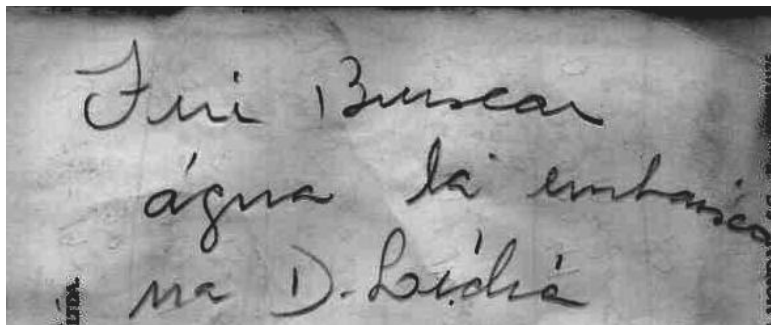
<sup>125</sup> KEMPA, Silvio em entrevista para o autor em 27 jan. 2007.

<sup>126</sup> Os nomes das ruas ainda continuam os mesmos, desde a implantação do projeto. As alterações deram-se apenas a Avenida Paraná que passou a se chamar Senador Julio Campos, Avenida Mato Grosso passou a se chamar General Osório e mais recentemente a Rua Vila Velha foi denominada de Rua Rotary Internacional. Fonte: Prefeitura Municipal. 2007

<sup>127</sup> Relatório dos meses de novembro e dezembro 1979. Escritório local da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda. 27 dez 1979. Datilografado.

A solução para alguns era a abertura de poços estes, para poder dar algum resultado precisavam ser fundos, e devido ao terreno arenoso, desbrancavam facilmente. Para outros, a solução era buscar água em algum córrego próximo.

*Figura nº06  
Recado para a família.*



Fonte: Acervo Silvio Kempa

O documento acima, representa uma prática comum entre os habitantes de Brasnorte, no final da década de 1970 e início dos anos 1980. Pela documentação analisada, somente em maio de 1981 é que o Governo do Estado recebeu uma indicação da Assembléia Legislativa para a perfuração de um poço artesiano, como forma de amenizar o problema<sup>128</sup>.

Brasnorte estava crescendo, as pessoas investiam na cidade, na terra e, de uma hora para outra, viram-se desamparados pela colonizadora. O problema hídrico, era apenas um, havia ainda a dificuldade com escola regular, estradas, saúde, e organização política administrativa.

Nas palavras de Silvio Kempa, as pessoas tinham em mente, crescer com a cidade<sup>129</sup>. E, em 1979, quando da visita do prefeito de Diamantino, o Sr. João Batista de Almeida, os moradores reunidos com o Prefeito, além de expor suas preocupações e anseios, cogitaram entre outros assuntos, a necessidade de um preparador eleitoral<sup>130</sup>. Brasnorte tinha condições de oferecer votos, algo que muito desperta o interesse de futuros candidatos por qualquer localidade. E os moradores decidiram ir por esse caminho<sup>131</sup>.

<sup>128</sup> Indicação 195/81 de autoria do Deputado Oscar da Costa Ribeiro. 25 abr 1981. “*Indica ao Excelentíssimo Senhor Governador do Estado Providências Urgentes, no sentido de autorizar à SANEMAT a perfurar um poço artesiano, no distrito de Brasnorte, Município de Diamantino*”. (grifos meus) – cópia.

<sup>129</sup> KEMPA, Silvio em entrevista para o autor em 27 jan. 2007

<sup>130</sup> O Relatório dos meses de novembro e dezembro 1979. Escritório local da Brasnorte – Administração de Imóveis e Colonização Ltda. 27 dez 1979. Traz em um de seus itens, a visita de autoridades municipais no dia 03 de dezembro de 1979, destacando a presença de dois vereadores, *sendo um deles o presidente da câmara*. (Grifos meus)

<sup>131</sup> A história política de Brasnorte começou no ano de 1979. A intenção deste trabalho, é mostrar alguns aspectos referente aos primeiros anos de Brasnorte, a partir de uma documentação familiar onde podemos encontrar uma gama de informações seja ela referente a (re)ocupação ou a participação política da sociedade brasnortense, no entanto, o objetivo neste trabalho não é o viés político. A História política e econômica de



O primeiro passo para busca de soluções foi formar uma Comissão Representativa. Os membros dessa comissão seriam os responsáveis pelo contato político na sede do Município, Diamantino e, na capital Cuiabá.

Segundo o relatório de atividades da Comissão Representativa do Povo de Brasnorte, os representantes foram escolhidos dentro das formalidades, entre os moradores de Brasnorte, presentes na reunião do dia 29 de setembro de 1980, no hotel da cidade. Faziam parte desta comissão o Sr. João Venério, Sr. Ezequias Vicente da Silva, Adão Velocindro Lilge Passamani e Sr. Silvio Kempa<sup>132</sup>.

A primeira missão da Comissão Representativa<sup>133</sup> era garantir a instalação de uma Escola regular, para atender aos filhos dos “colonos<sup>134</sup>”. No entanto, para a criação da escola, era necessária a criação do Distrito de Brasnorte. Uma medida necessária para a obtenção de serviços públicos de direito da população em geral, independente de sua condição financeira. Daí a importância de se saber o número de eleitores existentes na região.

O Distrito que havia sido criado já em 1980<sup>135</sup> um trabalho da comissão representativa do povo de Brasnorte, foi criada justamente para que a escola Estadual fosse criada e também o distrito, para que a escola fosse criada havia a necessidade de que o distrito de Brasnorte fosse criado e instalado<sup>136</sup>.

As atas que deliberam sobre a criação da escola, não trazem os mesmos termos, no entanto, entre a ata de 23 de dezembro de 1979<sup>137</sup> e a ata de 28 de janeiro de 1980<sup>138</sup>, houve uma outra reunião, onde provavelmente foram discutidas as exigências da Delegacia Regional de Ensino. Podemos identificar mesmo assim, pontos da pauta da reunião anterior, que segundo a ata de 23 de dezembro, seria feita uma reunião no dia 26 para entre os assuntos em pauta, fazer a escolha do nome da escola e sobre o número de alunos que freqüentariam as aulas.

---

Brasnorte, poderá ser tratada em trabalhos posteriores e em minha opinião, deverá ser considerada a questão fundiária. Necessitando um projeto mais amplo na pesquisa sobre o tema.

<sup>132</sup> Relatório de Atividades da Comissão Representativa do Povo de Brasnorte. Datilografado. Brasnorte, 04 jan. 1981.

<sup>133</sup> Segundo a Ata 01/80 de 28 de janeiro de 1980, datilografada e assinada. As primeiras reuniões não eram propriamente de uma comissão representativa, mas sim de uma denominada Associação de Pais e Professores de Brasnorte.

<sup>134</sup> Utilizo o termo no sentido de aquele que emigra ou vem de outro lugar para cultivar a terra, povoar um lugar tido como “inabitado”.

<sup>135</sup> Lei nº 4.239 de 04 nov. 1980.

<sup>136</sup> KEMPA, Silvio em entrevista para o autor em 27 jan. 2007..

<sup>137</sup> Ata de reunião da comissão representativa de Brasnorte de 23 dez. 1979. O documento parece ser um rascunho, pois o mesmo não apresenta as assinaturas conforme citado no texto. datilografado

<sup>138</sup> Ata nº 01/80 da Comissão Representativa de Brasnorte.

A forma provisória encontrada para garantir estudo para as crianças da região, até a criação do distrito, foi a criação da Escola Municipal de 1º Grau Ewaldo Meyer Roderjan<sup>139</sup>. Dois pareceres, um da Prefeitura de Diamantino<sup>140</sup> e outro da Delegacia Regional de Educação e Cultura de Alto Paraguai<sup>141</sup>, são favoráveis a criação da Escola em âmbito Estadual.

Na ata de instalação do Distrito, observa-se que os moradores contavam a escola como Estadual antes do ato governamental de criação. O decreto nº. 925 de 27 de março de 1981<sup>142</sup>, que define a criação da Escola Estadual foi elaborado pouco mais de três meses após a criação do distrito, e que após dois anos em funcionamento, poderia ser solicitado o reconhecimento junto ao Conselho Estadual de Educação, conforme a resolução 39/1976, desse mesmo conselho<sup>143</sup>. Porém, as pessoas já tratavam à escola como Estadual mesmo antes de seu reconhecimento oficial.

Os professores foram escolhidos entre as pessoas do local, de acordo com o que tinham possibilidade de ensinar. No entanto, o quadro de professores não satisfazia a Coordenadoria Estadual de Ensino, e estariam providenciando cursos de capacitação para os professores escolhidos.

A documentação<sup>144</sup> revela ainda, que antes da criação da escola, havia vários passos a seguir. Para a criação do distrito seria necessária a delimitação territorial do novo distrito, após a delimitação, deveria ter a aprovação da Câmara Municipal de Diamantino<sup>145</sup>.

O Memorial descritivo traz os seguintes limites desejados para o novo distrito<sup>146</sup>:

Partindo da junção do Rio Juruena com o Rio do Sangue, e por este subindo pela margem esquerda até a confluência com o Rio Membeça; deste, por u ma linha seca até o córrego Tolosa junto a linha telegráfica até o Rio Papagaio, descendo por este pela margem direita até a confluência com o Rio Juruena; descendo por este pela

<sup>139</sup> DIAMANTINO, Prefeitura Municipal. Decreto Lei nº 16/79 – de 09 nov. 1979. Dispõe sobre a criação de escolas Municipais de 1º Grau, do Município de Diamantino. *Assinado em 11 de dezembro de 1979.* (grifos meus)

<sup>140</sup> Diamantino, Prefeitura de. Parecer favorável a criação de uma Escola Estadual de 1º Grau em Brasnorte. Datilografado. Diamantino, 08 fev. 1980. O documento apresenta uma rasura na parte destinada ao nome da Escola, podemos perceber que tanto cópia, quanto original foram a adulterados. Os motivos da alteração não serão discutidos devido a falta de outras fontes. Ver anexos.

<sup>141</sup> MATO GROSSO. Secretaria de Educação. Parecer favorável a criação de uma Escola Estadual de 1º Grau em Brasnorte. Datilografado. Alto Paraguai -MT, 11 fev. 1980.

<sup>142</sup> MATO GROSSO, Governo do Estado. Decreto 925, de 27 de março de 1981. Dispõe sobre a criação de uma Escola Estadual de 1º Grau, com sede no Distrito de Brasnort no Município de Diamantino, neste Estado.

<sup>143</sup> KEMPA, Silvio. Anotações. Sem Data, manu scritto.

<sup>144</sup> Relatório de Balanço de Atividades da Comissão Representativa do Povo de Brasnorte. Datilografado. Brasnorte, 04 jan. 1981.

<sup>145</sup> Id. Ibid.

<sup>146</sup> Ver mapa em anexo nº 002 e memorial descritivo em anexo nº 003

margem direita ate a confluência deste com o Rio do Sangue, ou seja o ponto de partida dessa *discrção*<sup>147</sup>.

O Distrito de Brasnorte foi instalado em uma sessão solene no dia 12 de dezembro de 1980, a sessão ocorreu na Escola Estadual de 1º Grau Ewaldo Meyer Roderjan. Da sessão, além da participação das pessoas envolvidas diretamente no processo, estavam presentes outros populares<sup>148</sup>.

A criação do distrito é o reconhecimento, do poder público municipal, que Brasnorte é uma localidade pertencente ao seu território. Assim como na sede do Município, os moradores dependem de algum tipo de serviço público como saneamento, energia, escolas, postos de saúde, manutenção de estradas e pontes. O Município não daria conta de suprir todas as necessidades, a solução seria o reconhecimento por parte do Estado, da existência deste local.

É o reconhecimento político, é a cidade construindo seu próprio espaço como lugar. Mesmo que ainda dependente da sede do Município ou do Estado, era a garantia de que os cidadãos que moravam no Vale do Rio do Sangue, teriam os mesmos direitos daqueles que moravam em uma cidade. A garantia que o trabalho iniciado, e abandonado, pela colonizadora seria continuado.

A Lei nº 4.239, de 04 de novembro de 1980, traz as seguintes limitações:

Partindo da junção do Rio Juruena com o Rio Sangue, por este acima margem esquerda, até a foz do Rio Membeca; pelo Membeca acima até a Rodovia MT/170; por esta rodovia, até o Rio Sacre; Pelo Sacre abaixo ate sua barra no Rio Papagaio; descendo por este, pela margem direita, até a confluência do Rio do Sangue, ponto de Partida<sup>149</sup>.

Os limites e as confrontações dos textos, memorial descritivo e lei de criação do distrito, diferem um pouco na nomenclatura dos pontos geográficos. Para a comissão e a para a Prefeitura de Diamantino, o limite seria a linha telegráfica definida ainda pelo Marechal Rondon. Para o Estado, a Rodovia MT-170 o trajeto e o mesmo, mas, para o estado citar a rodovia é sinônimo de desenvolvimento, ao contrário das linhas telegráficas que representam aqui, o reconhecimento de apenas um lugar inabitado por onde passa uma via de comunicação.

Detalhes burocráticos, movidos pelo interesse político, visam apenas dar visibilidade a presença do Estado na região.

<sup>147</sup> Memorial Descritivo para divisas e confrontações, para a criação do Distrito de Brasnorte. Cópia. Data provável. 24 set de 1980. A Palavra *discrção*, esta inserida nesta grafia no documento analisado. (grifos meus)

<sup>148</sup> Ata de reunião da Sessão de Instalação do Distrito de Brasnorte. Brasnorte, 12 de dezembro de 1980.

<sup>149</sup> MATO GROSSO, Assembléia Legislativa do Estado de. Lei nº 4239 de 04 de novembro de 1980. Cria no Município de Diamantino o Distrito de Brasnorte. Publicada no Diário Oficial no dia 04 de nov. de 1980.

Um grande passo havia sido dado, com a criação do distrito, vários outros serviços públicos foram criados como, subprefeitura, posto de saúde, exatoria estadual, posto de correios, cartório de registro civil, dentre outros<sup>150</sup>.

A criação da Comissão Representativa desencadeou um processo político. A contrapartida para Diamantino, foi o resultado das eleições de 1982. Logo após a criação do distrito, foi nomeado preparador eleitoral, o Sr. Silvio Kempa, integrante da Comissão Representativa. Com o objetivo de ter uma representatividade nas eleições daquele ano, partiram em busca do eleitores, percorrendo o distrito e cadastrando as pessoas aptas a votar.

[...] partimos para uma coisa que nunca fizemos em SC que foi o lado político, o envolvimento principal como a confecção dos títulos eleitorais, percorrendo o então distrito de ponta a ponta. [...] nós conseguimos fazer 850 eleitores, [...], fizemos um trabalho muito bom, e conseguimos com isso o objetivo que era uma representatividade junto ao Município de Diamantino na eleição de 1982.<sup>151</sup>

A representatividade política surtiu efeitos vantajosos para Brasnorte. Não só por ter votos, mas a população local conseguiu eleger dois vereadores, Adão Passamani e Erildo Giacomel, elegeu o prefeito de Diamantino Darcy Capistrano, tendo como vice-prefeito um cidadão do local, o Sr. Ezequias Vicente da Silva. Elegeu por acordo políticos partidários, visando o interesse de todos os envolvidos no processo, no entanto, passadas às eleições, Brasnorte não teria mais a mesma característica de união, os interesses não eram mais de todos e sim individuais, Silvio Kempa expressa esse sentimento quando diz:

Havia uma característica naquele momento em brasnorte que hoje não temos mais, nós perdemos aquela característica a partir de 1983, nós fazemos uma comparação assim de que Brasnorte em 1982, ela era como uma mão que se fecha, todo o povo vindo num sentido só, numa direção só, e de 1983 em diante, depois da posse desses elementos, talvez o trabalho das cabeças políticas de diamantino, fizeram com que houvesse uma divergência política, houvesse uma separação política então ao invés de ser uma mão convergente nos passamos a ser uma mão divergente, correndo cada um numa direção diferente procurando o seu espaço talvez já visando aqui as eleições, as primeiras eleições de Brasnorte pra tomar o poder, pra conseguir o poder pra ser ou o prefeito ou vereador seja lá o que for, nesse sentido é que brasnorte eu acho perdeu muito, que deixou de ter aquela união deixou de pensar no desenvolvimento, como um todo e cada um passou a pensar em si, começou a fugir do objetivo principal<sup>152</sup>.

Silvio Kempa mostra-se preocupado com as condições políticas atuais, percebe-se em sua fala a preocupação que a comissão tinha na busca pelo progresso. A existência da

<sup>150</sup> O documento Relatório de Balanço de Atividades da Comissão Representativa do Povo de Brasnorte, traz em seu texto que no ato do requerimento da criação do distrito, entregue ao Deputado Oscar Ribeiro, presidente da Assembléia Legislativa, já foram solicitados os serviços públicos necessários. A solicitação fazia parte do processo de criação do distrito.

<sup>151</sup> KEMPA, Silvio em entrevista para o autor em 27 de janeiro de 2007

<sup>152</sup> KEMPA, Silvio em entrevista para o autor em 27 de janeiro de 2007.

comissão não era melhor do que a presença de partidos políticos em Brasnorte. São tempos diferentes, contextos distintos de cada época.

As disputas políticas, a luta partidária, os entraves sociais, fazem parte de um outro momento de Brasnorte, de um outro espaço temporal. Mesmo que iniciado dentro do espaço temporal estudado neste trabalho, devem ser vistos sob uma outra perspectiva, a perspectiva política, é uma outra história, também parte da história de Brasnorte.

Estarei tecendo no próximo capítulo algumas considerações a respeito da pesquisa e do tema estudado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de elaborar um trabalho monográfico nos mostra um aspecto bem diferente das teorias propostas em sala de aula. O contato com as fontes, as leituras e as reflexões na prática historiográfica nos conduz por caminhos nunca antes imaginados e até então inexplorados por mim.

O trabalho monográfico orientado dá a dimensão do que vem a ser a história, creio ser somente a partir dele que o historiador se dá conta de seu ofício. O exercício da historiografia, não é simplesmente a reprodução das fontes, mas, uma articulação entre o historiador e a documentação.

Escarafunchar as memórias de meu berço foi uma experiência fascinante e, cheia de surpresas que se apresentaram no decurso da pesquisa. Relacionar o passado com o presente, é buscar a compreensão daquilo que nos incomoda. A História nos proporciona, sair de um real vivido na busca de uma compreensão para aquilo que até então não havia encontrado respostas.

Os motivos de deslocamento das famílias para o Mato Grosso em um tempo onde a floresta dominava a paisagem tomaram conta de minhas reflexões e, ao final da pesquisa, tenho em mente que apesar de muitas respostas encontradas, ficaram pendentes diversos outros questionamentos. O que causa angústia neste momento é também motivo de satisfação, a pesquisa proporcionou outras possibilidades, deixando também, espaço para outros historiadores ocupar-se de histórias dentro da história de Brasnorte.

Num contexto onde uma das preocupações do Governo Federal, era a reocupação dos espaços, famílias deslocavam-se entre as Regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil rumo a Região Norte e Centro Oeste, muitos davam seqüência ao ciclo migratório iniciado pela “Marcha para o Oeste” iniciado pelo Governo Federal na primeira metade do século XX. As pessoas envolvidas nesse fluxo migratório, saíam de um lugar para o outro em busca de um lugar melhor para viver.

Num mundo capitalista, viver melhor significa morar em uma terra onde o fruto do trabalho, sirva para dar condições de ser um pouco, ou muito mais do que as necessidades básicas da família.

O sonho do eldorado trouxe muitas famílias ao “sertão” de Mato Grosso. Em um ambiente antes ocupado por populações indígenas e recortado pelas trilhas dos seringueiros, a BRASNORT – Administração de Imóveis e Colonização Ltda. Implementa um projeto que prometia satisfazer o desejo das famílias que vieram para o Vale do Rio do Sangue.

As pessoas que chegaram a Brasnorte entre os anos de 1979 e 1982, tiveram suas vidas transformadas, mesmo não sendo da forma que queriam, a região impunha as transformações aos novos moradores. A floresta alta, num ambiente desconhecido para a maioria, causava ao mesmo tempo medo e encanto. Os tratores, moto serras e machados, pouco a pouco foram mudando a paisagem do lugar.

O Mato Grosso não era como as propagandas mostravam, o que se via pe las mãos dos corretores era uma terra onde jorrava leite e mel. Ao chegar aqui, a realidade de cada um se tornava diferente do que esperavam. Despertando assim diversas possibilidades de história para Brasnorte.

Para minha família foi desta forma, aquilo que se esperava era diferente do que foi encontrado, e eu, como participante desse processo de colonização, trazia comigo questões a respeito da migração. Quando meus pais vieram para o Mato Grosso eu tinha 4 anos, pouca idade para compreender as mudanças, eu apenas mudava.

Embora tenha procurado desvincular-me das fontes, há muito de mim no texto, a maior parte da documentação trabalhada vem de um arquivo familiar. Não pretendo com isso me incluir na história, nem incluir meus genitores, ao trabalhar o conteúdo de algumas caixas guardadas por anos em casa, procurei mostrar que a historiografia é um campo amplo, cheio de possibilidades.

O trabalho desenvolvido até aqui, é parte de um projeto mais amplo, melhor elaborado, para um momento de mais maturidade profissional. Considero a construção desta trama como parte do afastamento para um trabalho de pós-graduação. Não há como deixar de externar o desejo de aprender mais sobre a história.

Deve-se considerar a existência de outras pessoas no ambiente reterritorializado de Brasnorte. Pessoas com interesses em comum, ou com interesses particulares, todos componentes de uma memória coletiva, donos de uma memória individual, onde cada se inclui de acordo com o seu desejo de ser participante das histórias contadas.

Dentro deste mesmo ambiente, existiam povos indígenas, expulsos de suas terras, empurrados para as margens dos rios. Não trabalhei a questão indígena por dois motivos, o primeiro por ser uma temática constantemente trabalhada, segundo, por nossa documentação tratar de um espaço onde quem estava presente apenas o branco. Os povos indígenas

encontravam-se na floresta, e naquele tempo, pouco se falava deles. A intenção não foi ocultá-los ainda mais, mas deter-se apenas a documentação disponível.

Também não trabalhei a idéia de pioneiro, mesmo ela estando presente nas interrogações. A pesquisa mostrou que a idéia do pioneiro em Brasnorte surgiu nas representações da população local, num momento posterior ao do período pesquisado. Brasnorte passa ainda por uma construção de identidade, a meu ver, não tem neste momento uma representação própria, do ser brasnortense e nem uma concepção elaborada do ser pioneiro são conceitos presentes na sociedade local, porém, os interessados nesse tipo de discurso não têm um conceito em comum do tema.

Mostrar o Projeto Visto de Cima, serviu para compreender os objetivos da propaganda na venda das terras. E o Projeto Visto de Baixo, serve para mostrar a contradição existente entre a propaganda e a realidade presente na documentação.

Brasnorte nos anos de 1979 a 1982, teve em sua história, um momento onde os interesses eram coletivos, iam do geral para o particular, as disputas políticas, conseqüentes do “desenvolvimento”, invertem esse processo, tornando as decisões em prol da cidade em atos democráticos, construindo dessa forma, uma outra perspectiva para a história de Brasnorte.

Neste mesmo espaço e recorte temporal estudado, há a existência de outras pessoas, há outras opiniões, idéias e representações diferentes à respeito da colonização de Brasnorte. Espero com este trabalho, despertar o desenvolvimento de outras pesquisas sobre a região, que venham, assim como este, enriquecer a historiografia de Mato Grosso e de Brasnorte.

Brasnorte, junho de 2007.



## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 1 - FONTES

- **Arquivo**

BRASIL, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Instrução nº 19 de 05 de maio de 1978. Dispõe sobre a metodologia a ser obedecida nas atividades de colonização particular, fixando as condições a que devem satisfazer os anteprojetos e os projetos submetidos a aprovação do INCRA. – Ministério da Agricultura – INCRA – Coordenadoria Regional de Mato Grosso CR – 13 – Divisão Técnica – Seção de Projetos e Operações. Cópia

DIAMANTINO, Prefeitura Municipal. Decreto Lei nº 16/79 – de 09 de novembro de 1979. Dispõe sobre a criação de escolas Municipais de 1º Grau, do Município de Diamantino.

MATO GROSSO, Assembléia Legislativa do Estado de . Indicação 195/81 de 25 de maio de 1981 de autoria do Deputado Oscar da Costa Ribeiro.

\_\_\_\_\_, Assembléia Legislativa do Estado de . Lei nº 4239 de 04 de novembro de 1980. Cria no Município de Diamantino o Distrito de Brasnorte. Publicada no Diário Oficial no dia 04-11-1980.

\_\_\_\_\_, Assembléia Legislativa do Estado de . Lei nº 5.047 de 04 de setembro de 1986. Publicada no Diário Oficial no dia 05 setembro de 1986. Dispõe sobre a criação do Município de Brasnorte e define seus limites geográficos

MATO GROSSO, Governo do Estado. Decreto 925, de 27 de março de 1981. Dispõe sobre a criação de uma Escola Estadual de 1º Grau, com sede no Distrito de Brasnorte no Município de Diamantino, neste Estado

\_\_\_\_\_, Governo do Estado. Secretaria de Educação. Parecer favorável a criação de uma Escola Estadual de 1º Grau em Brasnorte. Datilografado. Alto Paraguai -MT, 11 de fevereiro de 1980.

### Arquivos Particulares

- **Cartas**

KEMPA, Silvio Kempa. Carta para seu irmão Alexandre. Brasnorte, 27 ago 1981.

\_\_\_\_\_. Carta para Maria Teresa sua esposa. Brasnorte, 08 ago 1979.

\_\_\_\_\_. Carta para Maria Teresa. Brasnorte, 12 ago 1979.

- **Reportagens de Jornais**

SEBEN, Hugo. *Vale do Rio do Sangue – Inigualável Fulcro Agrícola*. Folha de Londrina, Londrina – PR, 23 de março de 1979. p.9

- **Outros Documentos**

Agropecuária do Cravari S/A. Contrato de Compromisso de Doação.

Ata nº 01/80 da Associação de Pais e Professores de Brasnorte.

Folder distribuído pela Colonizadora Brasnort, impresso por J.S. Impressora – Cascavel - PR

Memorial Descritivo para divisas e confrontações, para a criação do Distrito de Brasnorte. Cópia. Data provável. 24-09-1980.

Relatório de Balanço de Atividades da Comissão Representativa do Povo de Brasnorte. 04 - 01-1981 Datilografado. Cópia

Relatório do escritório local da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda. Manuscrito. 03-10-1979. cópia assinada por Rafael.

Relatório do escritório local da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda. Datilografado. 27-12-1979. cópia sem assinatura.

Relatório nº02/79 do escritório local da Brasnort – Administração de Imóveis e Colonização Ltda. Datilografado. 31-10-1979. cópia assinada por Rafael Fortes Gonzáles.

- **Trabalhos Acadêmicos**

PRADO, Luciana Aparecida Pereira et. al. *O papel das mulheres pioneiras na colonização de Brasnorte*. 2003. (Seminário Temático de Ciências Sociais). Trabalho de Graduação. Núcleo de Educação Aberta e a Distância do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT;

GOMES, Dirce Maria Solano, et. Al. *A influência da Madeireira Brasnorte na colonização do Município de Brasnorte – MT*. 2003. (Seminário Temático de Ciências Sociais). Trabalho de Graduação. Núcleo de Educação Aberta e a Distância do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT;

- **Documentos Eletrônicos**

ARRUDA, Rinaldo S.V. *Manoki*. Instituto Socioambiental. São Paulo Maio, 2003. disponível em <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/manoki/manoki.shtm>>. acessado em 12 jun. 2007.

\_\_\_\_\_. *Rikbaktsa*. Instituto Socioambiental. São Paulo. Novembro, 1998. disponível em <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/rikbaktsa/rikbaktsa.shtm>>. acessado em 12 de jun.2007

BRASIL, Governo Federal. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. acessado em 12 de junho de 2007.

WURDEL, Edson e TABORDA, Ivan. *Pombinha Brasnort. Maringá: Itaipu. 1979. 1 disco, 33 1/3 rpm, Microsulco, Stereo. 5.61.201.009*

## 2 - BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.*

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Um Leque que respira: a questão do objeto em História*. In: PORTOCARRERO, Vera e CASTELO BRANCO, Guilherme. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

ALBUM GRÁFICO do Estado de Matto Grosso (EEUU do Brasil). Corumbá/Hamburgo, Ayala & Simon Editores, 1914.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.8, n. 15, p. 145-151.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSC, 2000

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, p.9-34.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo de Genebra*. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo e Barueri – SP. Sociedade Bíblica do Brasil. Editora Cultura Cristã. 2000.

CANOVA, Loiva. *Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em MatoGrosso (1719-1757)*. Dissertação de Mestrado UFMT, Cuiabá, 2003.

CARDOSO, Fernando Henrique e MULLER, Geraldo. *Amazônia: Expansão do Capitalismo*. Brasília: Editora Brasiliense. 1977.

CERTAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes – 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio versão 5.0 edição revista e atualizada*: Dicionário eletrônico. Curitiba: Positivo, 2006;

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus Municípios*. Secretaria de Estado de Educação. Ed. BURITI, Cuiabá – MT, 2001;

- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso – Aula Inaugural do Colleege de France, dezembro de 1970*. 10ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- GOMES, Ângela de Castro, (org). *Escrita de Si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GADAMER, Hans-Georg. *História, Hermenêutica e Representação*. In. DIEHL, Astor Antônio. *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- HEINST, Andréia de Cássia. *Pioneiros do Século XX: memória e relatos sobre a ocupação da cidade de Mirassol D'Oeste*. Cuiabá, 2003. Dissertação(Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso.
- IANNI, Octavio. *Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia*. Octavio Ianni – Petrópolis: Vozes, 1979.
- ISKANDAR, Jamil. I. *Normas da ABNT Comentadas para Trabalhos Científicos*. 1 ed. Curitiba/PR: Champagnat, 2000, v. 1. 101 p.
- JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2001 .
- MATO GROSSO. SEPLAN. *Anuário Estatístico de Mato Grosso - 2003. Vol. 25*. /Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral.-- Cuiabá : SEPLAN-MT: Central de texto 2004.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *Arquiteto da memória: nas trilhas do sertões de Crateús*. In GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- OLIVEIRA, Carlos Edinei de. *Famílias e natureza: as relações entre famílias e ambiente de colonização de Tangará da Serra – MT*. Tangará da Serra: Gráfica e Editora Sanches Ltda. 2004. 216p.
- PIVETTA, Darci Luiz; FREIRE, Maria de Lourdes Bandeira Delamônica. *Iranxe : luta pelo território expropriado*. Cuiabá : UFMT, 1993. 185 p.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997
- SEIXAS, Jacy Alves de. *Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais*. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 2004.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da Ancestralidade aos Dias Atuais*. Elizabeth Madureira Siqueira; Cuiabá: Entrelinhas; 2002 .

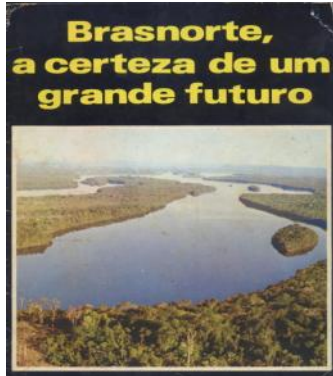
SWAIN, Tânia Navarro. Fronteiras do Paraná: da colonização a migração. *In: AUBERTIN, Catherine e BECKER, Bertha. (org), et. al. Fronteiras. BRASÍLIA: Universidade de Brasília, 1988.*

TEIXEIRA, Felipe Charbel. *NARRATIVA E FRONTEIRA CULTURAL*. Revista de História e Estudos Culturais –Vol.2 ano II nº2. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ: 2005

WEGNER, Robert. *A CONQUISTA DO OESTE - A Fronteira na obra de Sergio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

## **ANEXOS**

ANEXO nº 001  
Folder de Propaganda distribuído pela Colonizadora

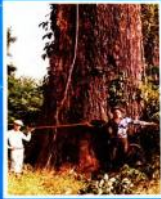


• Hoje são 100 mil os habitantes do Vale do Rio do Sangue, e BRASNORTE COLONIZADORA implanta um dos maiores projetos de colonização do Norte do Brasil.

• Terceira geração, com alto grau de escolaridade, produtividade e ótima infraestrutura e condições de saúde, garantindo a rentabilidade de seu empreendimento.



• O Vale do Rio do Sangue, em plena floresta amazônica, possui grande variedade e quantidade de madeiras de alta qualidade, como a campari, o mogno, o ipê, o carvalho, o pau-de-rosa e o cedro.



**Variedades de madeiras**

- CERESERA
- GORDO
- MADEIRA AMARELA
- ITAUBA
- IPÊ
- CAMPARI
- CARVALHO
- PEROLA
- MOGNO
- SUCUPIRA
- CAMBARI
- ANDELA
- CAMBARI
- MADEIRA ROSA



**Características da região**

TIPO DE TERRA: Vermelha, com solo profundo  
 ALTITUDE: 340 metros  
 CLIMA: Tropical úmido  
 CHUVAS: 2.200 mm por ano  
 VEGETAÇÃO: Mato pesado  
 RELEVO: Totalmente plano e mecanizável.

Venha conhecer a Gleba Vale do Rio do Sangue e prepare-se para a última conquista de terras boas no Norte do Mato Grosso.

Venha falar conosco!



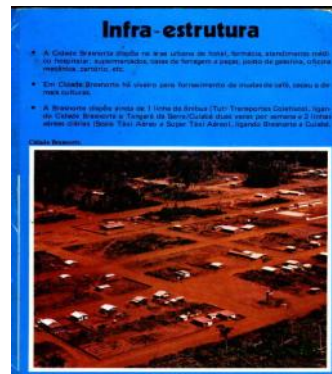
**Agricultura e pecuária**

• São ideais para se cultivar milho, sorgo, cana-de-açúcar, mandioca, feijão, soja, algodão, arroz, milho, trigo e algodão.



• Possui clima ideal para a pecuária, com excelente pastagem e água abundante.

• Propriedades disponíveis para venda, com infraestrutura completa de saneamento, energia elétrica, água, gás e rede de esgoto.



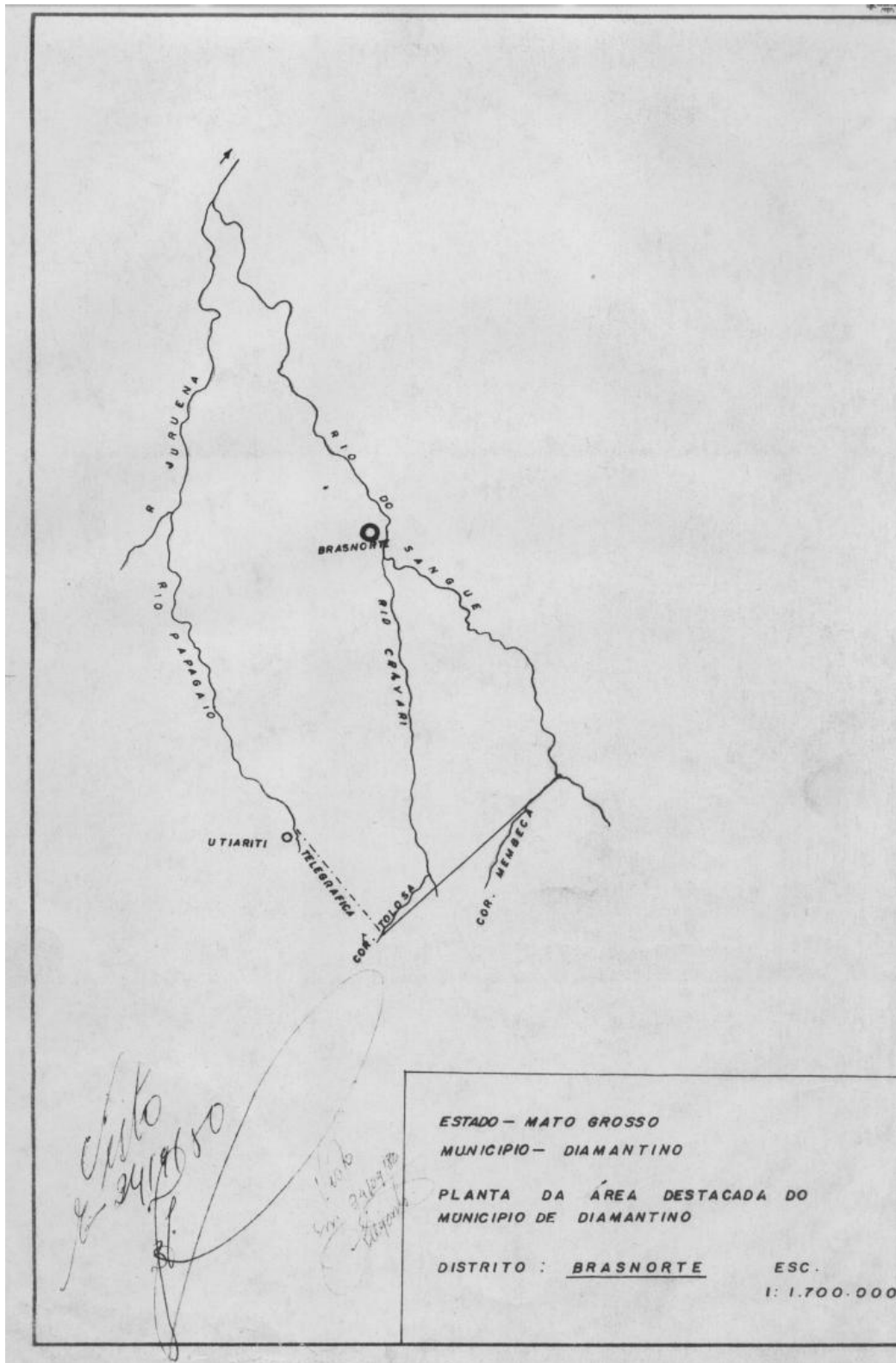
**Infra-estrutura**

- A Cidade Brasnorte possui as áreas urbanas de habitação, comércio, atendimento médico, educação, supermercados, casas de farinha e papel, lojas de materiais, oficina mecânica, veterinária, etc.
- São 100 lotes disponíveis para o investimento de produtores locais, sendo 5 de área cultural.
- A Brasnorte dispõe ainda de 1 linha de Ônibus (TUP) Transportes Coletivos, ligando a Cidade Brasnorte à Praça do São-Cristóvão, além de ser servida por ônibus locais, como o Super Taxi Aéreo, ligando Brasnorte à Cuiabá.

**Vias de acesso**

Estrada de acesso a Cidade Brasnorte, MT 107, com extensão de 269 Km, encontrando-se com a BR-364, a qual dá acesso a Cuiabá, com 330 Km de distância. De Cidade Brasnorte a Cuiabá, 600 Km.

ANEXO nº 002  
Mapa definindo o Distrito de Brasnorte

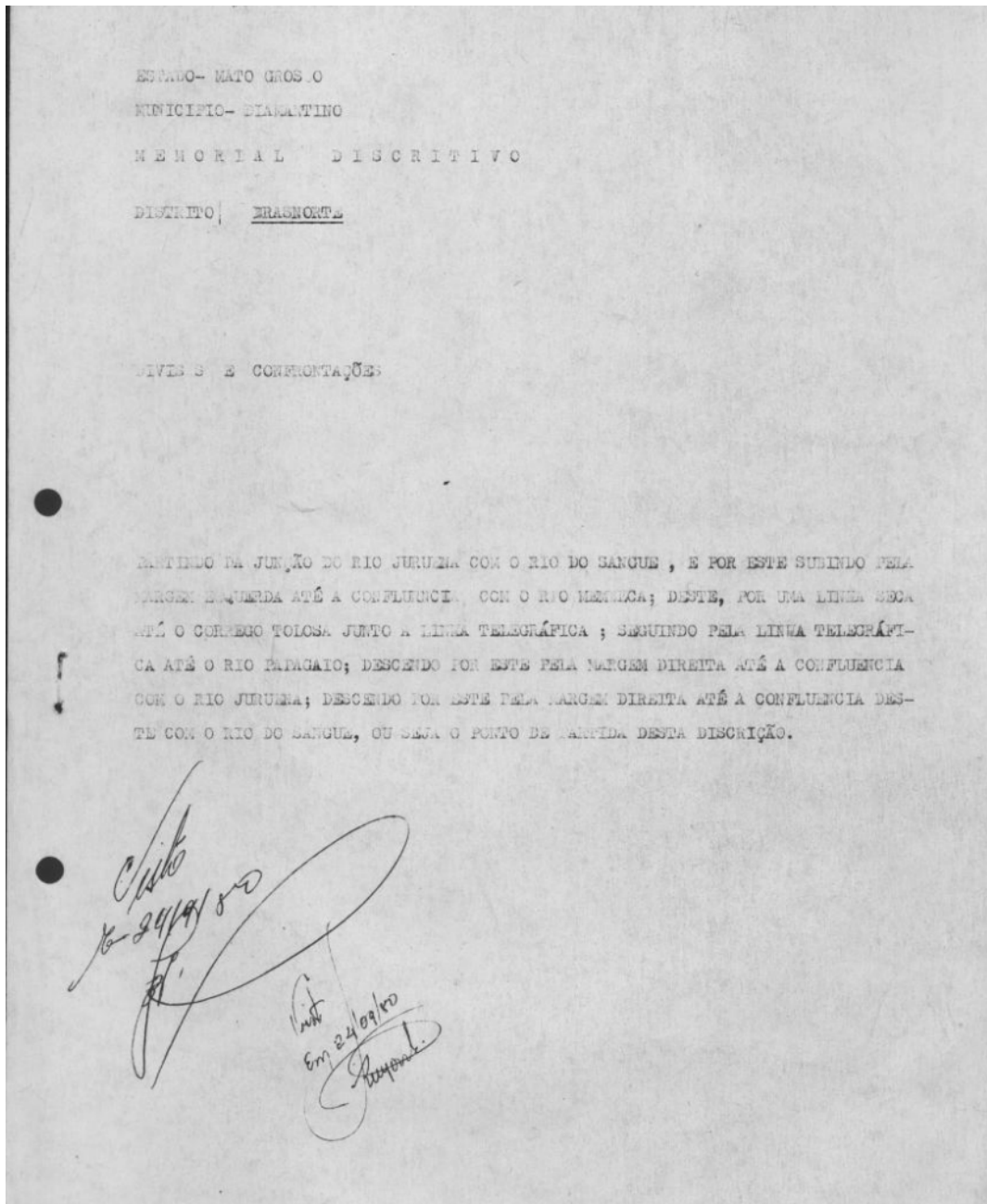


Fonte: Acervo Silvio Kempa. Reprodução sem escala



ANEXO nº 002

Memorial Descritivo dos limites para o Distrito de Brasnorte



Fonte: Acervo Silvio Kempa.

